



# **PROJETO RONDON - RS** e **JEUNESSE CANADA MONDE**

**Uma parceria que deu certo**

Organizado por  
Liceo Piovesan

Editora



A impressão desta publicação teve o apoio financeiro de Dana Indústrias Ltda.

Esta publicação se encontra disponível na íntegra em arquivo .pdf no site <<http://www.ufrgs.br/projetorondon>>.

#### Catálogo na Publicação

P962 Projeto Rondon-RS e Jeunesse Canadá Monde: uma parceria que deu certo / organizador, Liceo Piovesan – Taquara: FACCAT, 2008. 132p.

ISBN 978-85-89721-18-9

1. Projeto Rondon 2. Trabalho voluntário 3. Intercâmbio
- I. Piovesan, Liceo

Bibliotecária Responsável: Maria Alice Munhoz Parker CRB 10/1320

Editoração  
*Liceo Piovesan*

Capa  
*Licéia Piovesan*

Colaboraram na seleção de textos e digitação  
Ana Catia Piovesan, Licéia Piovesan, Luciana Piovesan e Lucas Piovesan

Impressão  
*Grafica ArtSinos, junho de 2008*

**Um convênio que desde 1999 transforma  
estudantes brasileiros e canadenses em  
cidadãos do mundo enquanto prestam  
serviços voluntários aqui e no Canadá.**

Projeto Rondon - RS  
Rua PintoBandeira, 357 conj 31/32 centro  
90030-150 - Porto Alegre - RS Fone (51) 30 26 3039 Cel (51) 9714 2212

## **Estrutura do Projeto Rondon - RS**

### **EM BRASÍLIA:**

Presidente Nacional: Sérgio Mário Pasquali  
Vice-Presidente: Aldo Pinheiro da Fonseca  
Secretário Executivo: Estanislau Monteiro de Oliveira  
Assessora de Comunicação Social: Jenny Kanyó

### **NO RIO GRANDE DO SUL:**

Presidente: Tide José Martins  
Vice-Presidente: Mauro Costa Rodrigues  
Vice-Presidente: Hipérides Ferreira de Mello  
Consultor Jurídico: Cristiano Lisboa Martins  
Presidente do Conselho Fiscal: Edgar Eduardo Erdmann  
Contador: Sedeney Casarin

### **CONSULTORES:**

Cláudio Tombesi Gerhardt (Profissional liberal)  
Paulo Centin Dornelles (Empresário)  
Paulo Favarini (Profissional liberal)  
Aldo David Meneghetti (FEEVALE)  
Carlos Rene Ayres (UNISC)  
Claudia Lunkes Schmitt (FEEVALE)  
Douglas Spuldaro (UNISC)  
Edgar Eduardo Erdmann (PUC/RS)  
Fernando Seffner (UFRGS)  
Liceo Piovesan (FACCAT)

### **SUPERVISORES:**

Aline Accorssi (PUC/RS)  
Ana Lúcia Vieira Apotia (PUC/RS)  
Anaide Ilha Salvador (Socióloga)  
Cristiana Verônica Mueller (UNISC)  
Josley Felipe Martins Krebs (ULBRA)  
Flávia Vidor De Almeida (PUC/RS)  
Gisele Andres Brasil (PUC/RS)  
José Pedro Spilarzi (PUC/RS)  
Júliana Amoretti (PUC/RS)  
Lúcia Helena Cardoso (UNISC)  
Rosane Pacheco de Oliveira (PUC/RS)

### **UNIVERSIDADES PARCEIRAS DESTE PROJETO:**

PUC/RS: Reitor: Joaquim Clotet  
Ex-Reitor: Irmão Norberto Rauch  
Pró-Reitor de Extensão: João Dornelles Junior  
Coord. Assuntos Comunitários: Edgar Eduardo Erdmann  
Pró-Reitora de Assuntos Comunitários - Helena Wilhem De Oliveira  
Ex-Pró-Reitor de Extensão - Paulo Franco  
Ex-Pró-Reitor de Extensão - Gilberto Medeiros  
Ex-Pró-Reitora de Assuntos Comunitários - Laury Job

ULBRA: Reitor: Ruben Eugen Becker  
Diretor ULBRA/MANAUS: Gercei Siveira  
Ex-Diretora ULBRA/MANAUS: Jussará Korbés  
Diretor ULBRA/TOCANTINS: Marcos Fernando Viemer  
Ex-Pró-Reitora de Extensão: Hilda Gavene Dias  
Ex-Coordenadora de Extensão: Marlisa Terezinha Argenta

UNISINOS: Ex-Reitor: Pe. Aloysio Bonhen  
Ex-Pró-Reitor de Ext: Vicente de Paula O. Sant'Anna  
Coord. De projetos comunitários: Vera Lucia Bemvenutti  
Coord. de relações com o Canadá: Myriam Silveira Mylius

UNISC: Reitor: Vilmar Thomé  
Ex-Reitor: Luiz Augusto Costa A. Campis  
Ex-Pró-Reitora de Extensão: Carmen Lúcia de Lima Helfer  
Coord. Assuntos Internacionais: Carlos Rene Ayres

FACCAT: Diretor Geral: Delmar Henrique Backes  
Vice-Dir. de Ext. e Assuntos Comunitários: Marlene Soder Ressler  
Supervisor do Proj. de Intercâmbio: Linceo Piovesan

FEEVALE: Reitor: Ramon Fernando da Cunha  
Pró-Reitora de Extensão: Angelita Reinck Gerhart  
Ex-Pró Reitor de Extensão: Luiz Fernando Framil Fernandes

UFRGS: Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann  
Ex-Reitora: Wrana Pannizi  
Pró-Reitora de Extensão: Sara Viola Rodrigues  
Coord. do Núcleo de Int. Universidade/Escola: Fernando Seffner

JEUNESSE CANADA MONDE:  
Diretor Presidente: Don Jonston  
Ex-diretora do escritório do leste: Sylvie Therriault  
Diretor do escritório do leste: Michel Long  
Encarregado de programas: Eric efebvre

**SUPERVISORES CANADENSES QUE PARTICIPARAM DESTA DE PROGRAMA:**

Amelie Sylvain	Mahawa Doiuf
Claire Allen	Marie H��l��ne Forest
Denise Leblanc	Marie Joel Leger
Dominic Denis	Marie Piorier
Emilie Maccot	Marie-Eve Filteau
Francis Cauchon	Martin Renault
Isabele Le Vert Chiasson	Martin Roy
Jean Alexandre Fortin	Michael Ambach
Joana Pawelkiewicz	Nashley Silva
Julien Landry	Terence Lowe

*Este programa que está sendo executado pelo Projeto Rondon do Rio Grande do Sul em convênio com a Jeunesse Canadá Monde é dedicado ao Presidente Nacional do Projeto Rondon - Sérgio Mário Pasquali, ao Ex-presidente Nacional - Estanislau Oliveira e ao Vice-presidente Nacional - Aldo Pinheiro, que delegaram ao Projeto Rondon - RS a tarefa de executar este convênio desde 1999.*

*Também queremos agradecer aos dirigentes da Jeunesse Canada Monde em especial seu fundador Jacques Hébert, o presidente Don Jonston, o ex-presidente Matthew Pearce, Sylvie Theriault e Michel Long que tornaram possível este programa.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
APRESENTAÇÃO	
Tide Jose Martins - Presidente	11
HISTÓRIA DO RONDON ATUALIZADA	
Mauro Costa Rodrigues	15
PROJETO RONDON INTERNACIONAL	47
HISTÓRICO DA PARCERIA ENTRE O PROJETO RONDON e JEUNESSE CANADA MONDE	51
O PROGRAMA	59
PROJETOS SOCIAIS	71
AS UNIVERSIDADES PARCEIRAS DO PROJETO RONDON	91
DIMENSÕES DO PROGRAMA NO BRASIL	97
DIMENSÕES DO PROGRAMA NO CANADÁ	101
COM A PALAVRA OS EX-PARTICIPANTES	
Carmem Regina Giongo	105
Consuelo McAlister	107
Luciana Jeckel	109
Wecsley Fey	115
Outros Depoimentos	119
O PROJETO RONDON NA VIOLA DE UM CANTADOR	127
CONCLUINDO	133
BIBLIOGRAFIA	135



# INTRODUÇÃO

*“Existe uma expressão que diz ‘ninguém volta igual de uma viagem’, mais que um intercâmbio, o Projeto Rondon aprofunda essa experiência, trazendo uma vivência direta através de diferentes comunidades com diferentes realidades.” (Cláudia Lunkes – Supervisora da Feevale 2006)*

As Instituições de Ensino Superior, ULBRA, PUC-RS, UNISINOS, FACCAT, UNISC e FEEVALE, em parceria com o Projeto Rondon/RS e a Ong canadense Jeunesse Canadá Monde/Canadá World Youth, preocupados com o desenvolvimento de comunidades de forma sustentável, proporcionam que milhares de universitários conheçam uma realidade diferente da sua própria e até contribuam com suas idéias e experiências para sua melhoria social.

Esta publicação tem como objetivo mostrar para as pessoas como uma experiência tão significativa pode transformar a vida de todos aqueles que puderam vivenciar durante seis meses a realidade social de muitos municípios brasileiros e comunidades canadenses. Contém informações anotadas pelos supervisores e comentários dos próprios participantes, ilustrado com imagens reais do dia a dia durante a execução dos projetos. Com certeza reflete apenas uma pequena parte do que representam as mais de duas mil páginas de relatórios e as inumeráveis e indescritíveis experiências dos universitários, dos supervisores, das famílias de acolhida, das comunidades, das organizações, e de todas as pessoas que

viveram e se beneficiaram destas experiências, principalmente crianças, doentes e idosos das escolas, hospitais e albergues onde trabalhamos.

Difícil é conseguir colocar num relatório todas as aprendizagens que os participantes tiveram com seus homólogos, suas famílias de acolhida, com as comunidades em que moravam, com os novos amigos que fizeram e com as experiências de estarem numa cidade ou num país diferente do seu e longe de suas próprias famílias durante seis meses. As dificuldades são muitas, a adaptação necessita de muita paciência e companheirismo, mas os participantes ficam fortes e prontos para desafios maiores.

Este é um projeto de estudo que envolve não somente o intelecto, mas um projeto onde os jovens mergulham de corpo e alma. Trabalham com as mãos, o coração e a cabeça, aprendem com seus sentimentos, emoções, ação, reflexão e discussão com seus colegas, amigos e supervisores. Enfim um projeto de vida, capaz de mudar a vida das comunidades e de todos aqueles que participam deste programa.

Estas e muitas outras razões tornam necessário que se conte a história do Projeto Rondon a partir dos sentimentos daqueles que viveram esta experiência a fundo. Daí a importância de compreender o espírito do Projeto Rondon que permeia toda a sua história, e para tal é necessário conhecer a História na perspectiva que tiveram seus fundadores, de olhar o Brasil de frente, para que os jovens pudessem conhecer para melhorá-lo.

Liceo Piovesan

# APRESENTAÇÃO

Desde o ano de 1999, um Convênio muito bem sucedido entre o PROJETO RONDON/RS e a JEUNESSE CANADA MONDE com sede em Montreal está tornando possível um trabalho que envolve universitários brasileiros e participantes canadenses durante seis meses consecutivos cada ano.

Para viabilizar este Programa o PROJETO RONDON/RS buscou e firmou convênios através de parcerias específicas com seis Universidades brasileiras:

- A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)
- A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS);
- A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);
- As Faculdades de Taquara (FACCAT);
- A Universidade de Santa Cruz (UNISC) e o
- Centro Universitário (FEEVALE).

As equipes de universitários são selecionadas pelas Universidades e pelo PROJETO RONDON/RS e, conseqüentemente, são preparadas e treinadas durante um período significativo para que possam trabalhar longe de sua Pátria.

Até o presente momento mais de 500 universitários brasileiros e outros tantos canadenses, incluindo supervisores e professores, já foram mobilizados com o objetivo de conhecerem e aprofundarem atividades de natureza social nas diferentes comunidades que foram envolvidas neste programa internacional.

Assim, os brasileiros e canadenses trabalharam sempre em conjunto em projetos multidisciplinares que já se desenvolveram

nas seguintes localidades:

1. No Brasil:

Santa Izabel do Rio Negro na selva Amazônica; Palmas no Estado de Tocantins; Guaíba, Osório, Uruguaiana, Rosário do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Cambará do Sul, Parobé, Salvador do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Gramado, Camaquã, Caçapava do Sul, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, São Francisco de Paula, Sapiranga e Nova Hartz no Rio Grande do Sul.

2. No Canadá:

Vallefield, Vald'Dor, Sainte Marie, Saint George, Rouyan-Noranda, Saint Paul, Sherbrooke, Lachute, Coaticook, Terrebone, Buckingham, St-Jérôme, Sept Iles, Baie Comeau e Joliette no Quebec e Christofer-BC, Fredericton-NB, Sechelt-NF, Powell River-NF, Windsor-NS e Vancouver.

Em cada um destes municípios foram desenvolvidos de oito a dez projetos sociais e comunitários. Nestes projetos procuramos nos engajar na solução de problemas que dizem respeito a crianças carentes, idosos, deficientes físicos e mentais, hospitais, saúde pública, assistência social, informática para crianças sem acesso a esta tecnologia, educação em escolas de periferia, meio ambiente, nutrição, ex-presidiários, mães solteiras, jogadores compulsivos, terapia de deficientes mentais através de convívio com os animais, banco de alimentos, problemas de desemprego e moradias entre os pobres. Estas são algumas situações com as quais se envolvem os universitários e participantes canadenses nas comunidades brasileiras e do Canadá.

Cada participante e cada supervisor têm o acompanhamento das Universidades e do PROJETO RONDON que através de visitas sistemáticas alcançam e dão apoio institucionalizado e político ao bom desempenho de todas as atividades. São vivências de longa duração, que tornam possível o aprendizado de línguas estrangeiras e o conhecimento das diferentes culturas e a participação

intensa das mais diversas situações que são objeto muitas vezes de aflição e outras de satisfação nas respectivas comunidades onde estão inseridos.

Para manter semelhante Programa, para conservar abertos os múltiplos caminhos que os universitários precisam percorrer para a sua participação na realidade brasileira e canadense, os custos são absorvidos pela JEUNESSE CANADA MONDE, PROJETO RONDON/RS, Universidades e Prefeituras. Com este programa o PROJETO RONDON oportuniza os mais diferentes caminhos para recolocar a bola no centro e recomeçar a vida cada vez que se fizer necessário.

Cabe ressaltar que todas as atividades estão impregnadas de conteúdos curriculares que são aproveitados dentro das instituições de ensino superior de que fazem parte. Instrumentos próprios de avaliação tornam isto possível tanto no Brasil como no Canadá, onde os seis meses de duração dessas atividades, apenas adiam por um semestre a duração dos respectivos cursos que realizam.

Tide Jose Martins - Presidente do Projeto Rondon/RS



# HISTÓRIA DO PROJETO RONDON

De acordo com o site <http://www.ufrgs.br/projetorondon>  
Por Mauro Costa Rodrigues

Ao celebrarmos quarenta anos do surgimento do PROJETO RONDON, sua **HISTÓRIA**, assinalada pelos aspectos mais significativos de sua criação, evolução e extinção, estava a exigir que fosse escrita. Não se poderia permitir que a imagem de um movimento de sentido tão altruístico e patriótico, que durante **22 anos** teve aceitação irrestrita no meio dos universitários e da própria sociedade brasileira, continuasse a ser distorcida, sendo passada para as gerações futuras com a imagem de ter sido apenas “... **um movimento criado pelos governos militares para anestesiar a juventude universitária...**”; ou então, “... **como uma forma fascista de mobilização dos jovens...**”, ou ainda, “... **como um instrumento da propaganda oficial do autoritarismo...**”, tratado-o sempre de forma depreciativa, superficial e irresponsável, como sendo simplesmente “**mais um resquício dos tempos da ditadura.**”

Em respeito aos 350.000 universitários e cerca de 13.000 professores que dele participaram, como **voluntários**, em diferentes momentos e em algumas de suas variadas formas de atuação, era preciso que se criasse um instrumento que, abordando o movimento num sentido abrangente, do seu início ao fim, desse uma visão ampla de seu desenrolar e de sua evolução durante todos esses anos, possibilitando o resgate de seu verdadeiro significado enquanto movimento de mobilização de universitários para seu engajamento efetivo na complexa problemática de nosso desenvolvimento sócio econômico.

Ao mesmo tempo, um documento aberto, sem a pretensão

de ser “dono da verdade”, o mais impessoal possível, sem que essa impessoalidade significasse a injustiça da omissão de alguns nomes que foram vitais em momentos decisivos para o destino do movimento. Um relato capaz de possibilitar a todos que tenham participado do Projeto Rondon, a oportunidade de nele interferir, expressando suas opiniões pessoais; complementando, corrigindo ou contestando alguns dos aspectos abordados; contando suas vivências e experiências pessoais; relatando “causos” (como dizem os daqui dos pampas) e, principalmente, da maneira mais pessoal e sincera possível, registrando o que as oportunidades oferecidas pelo movimento significaram em suas vidas, naquele momento, nos tempos que se seguiram e, até hoje. O que ficou do Projeto Rondon em cada um de vocês é o que gostaríamos que fosse registrado.

Caberia, ainda, nesta apresentação, deixar expressas as razões que me fizeram aceitar o desafio de escrever o esboço inicial dessa HISTÓRIA, o que, ao mesmo tempo, serviria para me situar em relação ao Projeto Rondon.

Por volta de março de 1967, servindo como Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, fomos procurados por um amigo - que conhecia nossas preocupações e interesse com atividades que envolvessem a participação de jovens, o então Ten Cel Sérgio Mário Pasquali, o qual, na ocasião, nos apresentou o Professor da Universidade do Estado da Guanabara Wilson Choeri, solicitando nossa colaboração no encargo de intermediar junto ao Ministério do Interior e ao 5º Batalhão de Engenharia de Construções o apoio de que o Professor estava necessitando para a realização de um estágio de alunos de sua Universidade junto a essa unidade do Exército, estágio esse que, oficialmente, já havia sido autorizado.

E, assim passamos a ser envolvidos e “contaminados” pelo movimento que estava recém começando a se esboçar, cabendo-nos buscar os apoios solicitados. Como observador acompanhamos a preparação, a execução e as reuniões de avaliação realizadas pelos participantes ao regressarem desse estágio inicial, ficando, ainda, com a responsabilidade do relatório junto aos órgãos

oficiais que o haviam apoiado.

Como resultado da excelente repercussão havida nos mais variados segmentos da sociedade, com destaque para a excepcional e espontânea cobertura dada pela imprensa, recebemos a incumbência de coordenar um grupo de trabalho provisório, instalado em caráter temporário e ligado diretamente ao Gabinete do Ministro do Interior, constituído de uns poucos universitários e professores (alguns ex-participantes do estágio inicial, outros da PUC/RJ, da própria UEG e da UFF) e de um representante do Ministério da Guerra, da Aeronáutica e da Marinha. Esse Grupo de Trabalho iria coordenar a realização do próximo estágio, que deveria ocorrer já nas férias seguintes, em janeiro e fevereiro de 1968.

A aceitação e o entusiasmo com que o movimento, após a realização dessa segunda operação - que passaria a ser identificada, mais tarde, como PR/1, conquistara junto à opinião pública, e a dimensão nacional que alcançara o movimento, levaram o Projeto Rondon, naturalmente, a ser institucionalizado junto ao Ministério do Interior, em caráter permanente, cabendo-nos, então, ser designado oficialmente seu primeiro Coordenador Geral, função que desempenharíamos até meados de 1970 quando, em razão de termos sido chamados a exercer outros encargos na vida pública, transferimos as responsabilidades da Coordenação Geral do Projeto Rondon ao Tem. Coronel Av. Hermínio Affonso Friede, nosso companheiro no Grupo de Trabalho, onde representava o Ministério da Aeronáutica, o qual a exerceu por muito pouco tempo, por problemas de saúde, em razão dos quais tempos depois, veio a falecer.

Por convite do Ministro Costa Cavalcanti, titular da Pasta do Interior, assume a seguir a Coordenação Geral do Projeto Rondon, o Coronel Sérgio Mário Pasquali a quem - passada aquela "fase heróica" dos primeiros tempos da sua implantação, quando ainda eram válidas todas as improvisações próprias de um movimento conduzido pelo entusiasmo e idealismo de jovens - coube coordenar, além da estruturação e organização institucional, a grande expansão, qualificação e diversificação operacional que veio a ser atin-

gida pelo movimento.

Resumindo, posso dizer que vivi, intensa e diretamente só os quatro primeiros anos do Projeto Rondon, o período inicial de sua implantação e da consolidação de sua doutrina e dos princípios que o passaram a nortear, período esse delimitado operacionalmente pelos PR/1 e PR/5. Nas operações e evoluções que se seguiram a esse período, “infectado” para sempre pelo “**Espírito do Rondon**”, só o acompanhamos e apoiamos, embora de perto, apenas indiretamente, quando solicitados ou quando possível.

-Assim, convocamos o Coronel Pasquali, e a Professora Mirian que o sucedeu na Presidência da já Fundação Projeto Rondon, para que se manifestem, corrigindo e complementando as muitas lacunas que, temos certeza, o documento apresenta.

-Que falem o Prof. Choeri, o Prof. Omir, o Nelson Brasileiro da Conceição, o Nelson Santos, o Túlio, o Ribamar, o Rogério e todos os pioneiros que participaram do PR/0.

-Que se manifestem o Cláudio Moreira, o Maranhão, o Fonseca, o Hipérides, o Júnior, o Müzzel, o Macedo Soares, a Marly, a Manuela, o Fábio, a Ana Maria Coutinho, a Aninha, o Palermo, a Olga, o Sidney, o Mussale, o Favorine, recordando apenas alguns nomes dentre os que participaram dos PR/1, PR/2 ou PR/3 e da própria Coordenação Geral, na fase de sua implantação.

-Que dêem suas opiniões, contem fatos ou experiências vividas os que tenham participado dos “**campi avançados**”, dos “**programas de interiorização**”, de “**operações regionais**”, de “**operações especiais**”, etc., o Dr Coelho, o Adroaldo, o Tubinambá e tantos mais.

-Que falem os que atuaram nas coordenações regionais ou estaduais ou nos GTU, o Gen Décio, o Estanislau, o René, o Djalma, o Cláudio Schmitd, o Dória, o Tide, o Dário, a Cleide, o Colasso, o Edgard e tantos outros.

-Que falem aqueles que, à época, como autoridades locais, chefias ou funcionários de organizações públicas ou privadas, tenham trabalhado com universitários do Rondon ou os receberam

em algumas dessas operações.

-Que se manifestem as centenas de participantes que com seus trabalhos voluntários, em diferentes momentos e formas de envolvimento, tanto contribuíram para a consolidação do movimento e dos quais me distanciei no tempo e pelos caminhos da vida, e por isso, por falha de memória, cometo a injustiça de não recordá-los neste momento, citando-os nominalmente.

-Finalmente, que registrem suas passagens pelo Projeto Rondon os milhares de participantes que não chegamos a conhecer, aos quais deixamos aqui expresso nosso reconhecimento.

**Vocês todos é que, com suas manifestações, contarão a verdadeira HISTÓRIA DO PROJETO RONDON.**

Por tudo isso é que apelamos para que não se omitam, dêem suas contribuições, façam suas críticas, corrijam as omissões ou o com que não concordem, consertem os pontos falhos da narrativa ou as falhas de minha memória.

Visitem o “site” do Projeto Rondon, e convidem outros participantes para que também o façam, e nele insiram suas manifestações. Nem que seja apenas para deixar registrado, seu nome, o quando e o tipo de participação que teve, onde atuou, o porque e como se deu sua aproximação do movimento e seu endereço atual.

### **OS FUNDAMENTOS DO MOVIMENTO**

O PROJETO RONDON foi um movimento surgido no meio de um grupo de universitários e professores brasileiros, em meados da década de sessenta, como uma proposta alternativa da juventude para enfrentar os graves problemas sociais que afligiam a Nação Brasileira. Foi um movimento de voluntários que se iniciou com a pretensão de ajudar a resolver os graves problemas sociais que afligiam as populações do grande interior brasileiro utilizando a mão de obra e os conhecimentos dos universitários durante seus períodos de férias. Entretanto, logo após a realização do primeiro estágio o movimento ganha um sentido muito mais profundo e

abrangente. O caráter humanitário, assistencialista e um tanto lúdico que o motivou, mesmo sem ser expresso taxativamente e, como tal admitido pelos próprios estudantes, embora importante e, na conjuntura da época, de valor inestimável para as populações assistidas, foi deixando de ser seu objetivo prioritário. Sem que tivesse havido qualquer planejamento nesse sentido, pouco a pouco o universitário participante vai se dando conta de que mais importante do que o que ele deixou nas áreas de atuação foi o que trouxe após o estágio. A vivência efetiva de uma realidade que até então só conhecia de longe, de ouvir falar, ou deformada pelos estereótipos apresentados nas pregações políticas visando interesses eleitoreiros ou doutrinações de ordem ideológica - as desigualdades, o abandono, a doença, a fome, o analfabetismo e tudo o mais de que padeciam aquelas populações interioranas provocava no seu íntimo um sentimento de dor, de angústia e de profunda responsabilidade. Responsabilidade e angústia que o desafiava a agir, comprometer-se, envolver-se de alguma forma em ações efetivas para a minimização desses problemas.

E, quase sem se dar conta, os participantes vão tomando consciência de que, por cursarem o ensino superior, fazem parte de uma elite de privilegiados. Uma elite que precisava melhor preparar-se para, no futuro, assumir seu verdadeiro papel no contexto da sociedade brasileira. E o Projeto Rondon, pelas oportunidades que oferecia na vivência dessas realidades, vai se constituindo num instrumento de enorme valia para a complementação do processo formador dessas elites.

O Projeto Rondon transforma-se, assim, aos poucos, num verdadeiro cadinho onde, trabalhando com os mesmos sentimentos de patriotismo e solidariedade humana, se harmonizavam, sem qualquer forma de doutrinação, universitários de pensamentos político-ideológico completamente antagônicos.

E, assim, sem que se aceitassem ou admitissem práticas de aliciamento de qualquer natureza visando adesões interesseiras aos governantes da época, vai se forjando a “**doutrina rondoniana**”

e se consolidando, o até hoje tão forte “**espírito do Rondon**”.

Esse foi, sem dúvida, o segredo da “receita” para o grande sucesso que o movimento alcançou e que justificaria sua força e penetração nos meios universitários e sua plena aceitação pela sociedade brasileira durante os 22 anos em que existiu:

- Levar para estágios de trabalho voluntário no interior, universitários de todas as correntes de pensamento: fazê-los vivenciar com total liberdade os graves problemas enfrentados por aquelas populações; dar condições para que sentissem como os conhecimentos inerentes às profissões que haviam escolhido, faziam falta naquelas regiões; mostrar as novas fronteiras do mercado de trabalho que ali existiam; desafiá-los para que, depois de formados, assumissem suas responsabilidades nesse Brasil onde tudo ou quase tudo estava por fazer: - “UM BRASIL ZERO QUILOMETROS”, para que eles ajudassem a desenvolvê-lo livre das deformações que tanto os indignavam e que tanto criticavam.

### **CRIAÇÃO**

O Coronel SÉRGIO MÁRIO PASQUALI, à época instrutor da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, é quem nos conta as iniciativas que redundaram na idéia do movimento.

No início do ano de 1965, na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, ao término das aulas de Sociologia, ministradas pelo Professor ALMIR MADEIRA, os oficiais-alunos do 1º ano, divididos em grupos, foram solicitados a apresentar um trabalho cujo tema era “**O militar e a sociedade brasileira**”. Apresentado o documento final de cada grupo, o coordenador da matéria, Professor Madeira, convidou, através do Professor WILSON CHOERI, chefe do Departamento Cultural da Universidade do Estado da Guanabara/UEG, um grupo de professores dessa Universidade, para analisar o trabalho dos oficiais-alunos e discutir, com os diversos grupos de trabalho, o conteúdo dos documentos. Visava o General JOÃO BINA MACHADO, Comandante da Escola, promover discussões desse tipo, entre professores universitários civis e oficiais-alunos, de modo

a dar a estes uma visão mais abrangente e aprofundada da complexa sociedade brasileira, visando melhor prepará-los, como futuros oficiais de Estado Maior, para o exercício das funções maiores da hierarquia militar, onde se elaboram as diretrizes, os regulamentos e as normas que regem a instrução militar e a atuação do Exército em todo Território Nacional, inclusive preparando-os melhor para seu relacionamento e contatos com a sociedade civil.

O resultado desse trabalho foi surpreendente, particularmente para os professores da UEG, todos ligados à área das Ciências Sociais, que não imaginavam que os oficiais-alunos tivessem tanta vivência e conhecimento dos aspectos multiculturais e multisociais que permeiam a sociedade brasileira no seu todo. Os professores atribuíram esse conhecimento às muitas transferências pelas diferentes regiões do País a que é submetido o oficial no transcurso de sua carreira e, como outra peculiaridade importante, o fato de, quase como regra, a maioria deles vir a constituir sua família em área cultural e social diferente da de sua origem, bem como a vivência e a própria educação dos filhos que acabaria se dando em “**outro Brasil**”, diferente do de sua origem e do da origem de sua esposa. Assim, por força da profissão, eles acabavam se tornando “**brasileiros**” num sentido mais amplo e completo, em termos de compreensão da realidade nacional.

Nos debates que se seguiram, esses professores, e particularmente o Professor Choeri, manifestaram a necessidade de que aos universitários, futuros profissionais de nível superior e, conseqüentemente, integrantes da futura elite dirigente do País, fosse dada oportunidade de conhecer os “**outros Brasis**”, diferentes daquele em que tinham nascido e estudado, habilitando-se, assim, melhor para o exercício de funções elevadas na administração pública e privada. E o Professor Choeri prosseguiu em seus comentários, afirmando que à Universidade Brasileira não eram oferecidas essas oportunidades e criticou a Revolução de 1964 por persistir nos mesmos erros dos governos anteriores, “**deixando de lado o estudante, sem qualquer iniciativa que possibilitasse integrá-**

**lo à realidade brasileira e, com isso, ao próprio processo revolucionário”.**

O Comandante da Escola de Estado Maior, General BINA MACHADO, que participava dos debates, rebateu às críticas do Professor Choeri, dizendo que não entendia porque a iniciativa da integração da Universidade à problemática do desenvolvimento teria obrigatoriamente que partir do governo e não por ação da própria Universidade, desafiando o Professor Choeri a que tomasse a iniciativa e promovesse algo nesse sentido.

E, é o Professor Choeri quem, contando a história de como surgiu o Rondon, diz textualmente, em entrevista publicada no JORNAL DO BRASIL do dia 08 de dezembro de 1969: “Aceitei o desafio do General. Inicialmente promovi o I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E SEGURANÇA NACIONAL, onde já se desenhavam os traços da integração do estudante com os problemas brasileiros”. As Premissas desse seminário, prossegue o Professor Choeri, diziam que, “... Através da História, as grandes nações sempre tiveram consciência de uma missão a realizar; só as nações que chegaram a apreciável grau de integração foram a são capazes de alto poder de decisão.” Ou, mais adiante, “... Na era das ideologias e dos interesses internacionais - supra nacionais - é necessário que a Nação não perca sua individualidade histórica e alcance a formulação de seus próprios desígnios.” E o entrevistador prossegue afirmando que num dos 15 itens que se constituíam no capítulo Premissas do citado seminário, estava expresso aquilo que o Professor Choeri preconizava, ou seja, “...Cabe à Universidade, igualmente, o levantamento da realidade nacional e o estudo dos meios mais adequados para a solução dos problemas brasileiros.”

O item 13 dessas Premissas, então, era conclusivo ao afirmar que “... A Universidade deve urgentemente promover a reforma de suas estruturas para que se torne, de fato, elemento dinâmico e atuante no processo brasileiro de desenvolvimento, e venha a ser, em tempo curto, uma real comunidade de professores, técnicos e alunos voltados para o estudo e a pesquisa de nossas reali-

dades, já que as distâncias que se acentuam entre a realidade brasileira e as grandes possibilidades do País concorrem para dar à mocidade universitária um profundo sentimento de frustração.”

O Professor Choeri contou, ainda nessa entrevista, que a idéia do movimento surgiu, inicialmente com o nome de “**Universidade Integrada**”.

Tema desse seminário, polêmico para o momento político que atravessava o País, teve o grande mérito de além de aproximar os professores e os militares envolvidos, minimizando boa parte dos estereótipos recíprocos que normalmente os colocava em posições antagônicas, chegar a um consenso quanto à aceitação de que os conceitos de DESENVOLVIMENTO e SEGURANÇA NACIONAL eram inseparáveis e interdependentes, ambos alicerçados, acima de tudo, em um sólido embasamento educacional, de abrangência universal e sentido permanente.

Como uma das propostas para aplicação imediata, resultou a inclusão de alguns professores nas viagens de estudos previstas normalmente nos currículos dos alunos da EsCEME. Com isso teriam a possibilidade de conhecer melhor a problemática do grande interior brasileiro, oportunidade que a Universidade não lhes propiciava.

Em 1966, o Professor Choeri, ao regressar de uma dessas viagens, em Rondônia, impressionado com a realidade e os graves problemas que tivera a oportunidade de vivenciar ao visitar as obras de reabertura da BR-364, no trecho que ligava Porto Velho a Rio Branco, no Acre, promove algumas palestras para seus alunos, ressaltando o trabalho do 5º Batalhão de Engenharia de Construção/5º BEC, a quem fora dada a incumbência dessa reconstrução. A receptividade e o entusiasmo dos universitários ao ouvir esses relatos e ver os “slides” projetados contagiaram-no profundamente. E, é o próprio Professor Choeri quem diz textualmente: “...- **Aí surgiu a idéia: Porque não mandar os jovens também, para que eles, além da tomada de consciência da realidade nacional, pudessem ajudar aqueles necessitados ? ...**”

Transformada em um projeto, essa proposta de se realizar um estágio de estudantes junto ao 5º BEC é entregue ao General Bina Machado, como a resposta concreta do Professor Choeri ao desafio recebido.

Finalmente, em julho de 1967, depois de uma tramitação difícil e cheia de percalços, a autorização para esse estágio é concedida pelo então Ministro da Guerra, Gen Aurélio de Lyra Tavares. As grandes agitações estudantis que ocorriam à época em mais de oitenta países do mundo (países desenvolvidos e subdesenvolvidos, países do mundo ocidental e os sob a influência ou o jugo da “cortina de ferro”) chegavam também ao Brasil, confundindo-se, no entender de muitos, como uma mera reação ao movimento de 1964. Havia uma forte corrente do Governo contrária a esse estágio, pois acreditavam que “se iria apenas colocar mais lenha na fogueira”, pois os estudantes seriam levados para regiões onde os problemas sociais eram enormes e onde a ação governamental era ainda muito tênue ou simplesmente não existia.

Com o apoio quase que apenas restrito à pessoa do Ministro do Interior, Gen. Affonso de Albuquerque Lima, e à do Comandante do 5º BEC, Coronel Aluizio Weber, um grupo de 28 universitários e 2 professores da Universidade do Estado da Guanabara/UEG, realiza um estágio de 30 dias nos diferentes pontos de atuação desse batalhão de construção, atendendo e vivenciando os problemas das populações amazônicas que se espalhavam ao longo da BR-364, nos então Territórios Federais de Rondônia e do Acre.

Essa atuação, naquela época denominada, por sugestão dos próprios participantes, “**OPERAÇÃO RONDON**”, e que passaria mais tarde a ser conhecida como **Projeto Piloto ou PR/0**, foi um sucesso não apenas pelo entusiasmo com que regressaram seus participantes, mas, também, pela enorme repercussão que teve na grande imprensa de todo o País.

Aí nasceu, efetivamente, o **PROJETO RONDON**, como a partir de então passou a ser conhecido o movimento. Na volta, os universitários trouxeram, também, o lema que passaria e expressar

um dos fundamentos da filosofia norteadora do movimento: “**INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR**”. Esse lema, de grande aceitação nos meios universitários, viria encontrar reações de importantes segmentos da sociedade e da própria imprensa, que o consideravam “de linguagem muito ao sabor das esquerdas”.

A repercussão desse primeiro estágio gerou um apoio a bem dizer unânime de toda a sociedade brasileira ao movimento, pelo sentido patriótico e nacionalista de que se revestia. E essa aceitação foi total, abrindo-se todas as portas. O apoio vinha de todos os lados e sob as mais variadas formas, tanto por parte da iniciativa privada como dos poderes públicos. As Forças Armadas, com o entusiasmo de seus integrantes, passariam a ser o grande suporte, para as operações que se seguiriam, tanto nos deslocamentos aéreos e fluviais, como para a instalação e o apoio operacional das equipes de universitários em suas unidades de fronteira e nas situadas no grande interior brasileiro.

### **IMPLANTAÇÃO**

O sucesso do Projeto Piloto faz com que, ainda no segundo semestre de 1967, seja criado de maneira informal, vinculado diretamente ao Gabinete do Ministro do Interior, um Grupo de Trabalho, integrado por um representante do Exército, um da Marinha, um da Aeronáutica, três professores da UEG, e um núcleo de universitários pertencentes à UEG, à PUC/RJ e à UFF. Esse Grupo de Trabalho deveria, num caráter de urgência, assumir as responsabilidades da próxima operação, a se realizar em janeiro e fevereiro de 1968 e que passaria a ser denominada de PROJETO RONDON/1 (ou simplesmente PR/1). A premência do tempo faz com que os contatos e as ligações com os órgãos oficiais sejam feitos diretamente e em nome dos Ministros Albuquerque Lima e Lyra Tavares.

A motivação era enorme, atraindo universitários voluntários em número muito maior que a capacidade de absorção que o Projeto Rondon poderia oferecer. Todos queriam dar uma contribuição, participar, ajudando a diminuir as desigualdades sociais. O desco-

nhecido mundo amazônico, o então chamado “**inferno verde**”, exercia seu fascínio sobre a juventude universitária, particularmente pelas notícias - muitas, verdadeiras, outras, exageradas e muitas vezes até deformadas visando outros interesses - sobre as ameaças internacionais que pairavam sobre a região, caracterizadas na época pela apresentação à ONU de uma proposta de internacionalização da Amazônia; pela proposta de criação do “**lago amazônico**”, formulada pelo Hudson Institute, do Sr Herman Khan; pelas notícias de um sem número de pretensas “**missões religiosas**” estrangeiras lá instaladas; pelas pesquisas mineralógicas que se dizia lá serem efetuadas sob diferentes rótulos, e outras tantas iniciativas nesse sentido, que despertavam o idealismo e o nacionalismo dos jovens, na ânsia de lutar para que essa preciosa região fosse definitivamente integrada ao Brasil..

Essa, aliás, foi a única doutrinação feita diretamente aos estudantes pelo Ministro Albuquerque Lima: “**Darei todo apoio necessário, mas façam com que todo o Brasil e todos os brasileiros falem na Amazônia, pensem na Amazônia, se preocupem com a Amazônia e clamem pela nossa total soberania sobre essa região**”.

Em 28 de junho de 1968, após os resultados e a extraordinária repercussão do PR/1, quando o movimento já é reconhecido nacionalmente, o Grupo de Trabalho “Projeto Rondon” é instituído em caráter permanente, vinculado ao Ministério do Interior e, além dos universitários que o compõem, passa a ser integrado por representantes de todos os Ministérios, e do Conselho de Reitores, este, representando todas as Universidades (Decreto 62.927/68).

O ideal da integração passaria a ser o fundamento básico da organização de todas as operações do Projeto Rondon: deslocar os estudantes universitários brasileiros - a elite que governaria o País no futuro - por todas as regiões, para que tivessem a oportunidade de vivenciar a Amazônia, o Nordeste, o Centro Oeste, o Sul, enfim, “para que caminhassem sobre o mapa do Brasil” , sentindo suas diferentes realidades, seus enormes problemas, suas

potencialidades, suas diferenças culturais mas, acima de tudo, sentissem a firmeza da unidade nacional sobrepondo-se a todas essas diversidades.

O quadro que se segue, abordando apenas as atividades do Projeto Rondon nos quatro primeiros anos de sua existência, - durante a chamada "fase heróica", ou o período inicial de sua implantação, mostra bem amplitude das suas frentes de atuação e a capacidade de mobilização do movimento nos meios universitários.

Subcoordenações: 8 (Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho, Santarém, Parintins, Ilha de Marajó, beira do Rio Xingu, beira do Rio Tocantins, Zona Bragantina, Conceição do Araguaia, Macapá)

Operações especiais: Os quadros que se seguem, apresentam de forma esquematizada, o detalhamento de uma dessas operações, o PROJETO RONDON/3 (PR/3), para que melhor se

EVOLUÇÃO DO PROJETO RONDON EM SUAS CINCO OPERAÇÕES INICIAIS				
Operação	Época de realização	Natureza das Operações	Participantes	Locais Trabalho / origem
PR/0	JUL/67	(Projeto Piloto)	30	Rondônia e Acre (BR 364) / estudantes e professores da UEG e UFF.
PR/1	JAN/68	Nacional	648	Amazônia, NE e CO / Rio/SP/RS
PR/2	JUL/68	Regional	3.500	SP/RJ/PR/SC/RS/GO/MG - Destaque para a "Operação Aragarça", que serviu de piloto para a idéia dos "campi avançados"
PR/3	JAN/FEV 69	Nacional	2479	180 localidades, na Amazônia, Vale do Jequitinhonha, BR Belém-Brasília, Vale do S. Francisco, e situadas em pontos diversos do Espírito Santo, Mato Grosso, Nordeste, Bahia, além de em 4 volantes.
PR/4	JUL/69	Regional	2.500	117 municípios, mais as equipes volantes e uma operação urbana, envolvendo 300 universitários num arrabalde proletário.
PR/5	JAN/FEV 70	Nacional	3.454	216 localidades e 4 volantes. -Amazônia, Meio Norte, Ceará, Nordeste, Vale Jequitinhonha, Vale S. Francisco, Centro Oeste, Mato Grosso, Regional de SP e a especial do SERPHAU
<p><u>Observações:</u> - As Operações Regionais eram da responsabilidade das Coordenações Estaduais e se constituíam em pré-requisito para ter direito a participar de uma Operação Nacional.</p>				

possa sentir a complexidade, a ousadia da abrangência e a magnitude dessas atuações.

**PR/3 – “OPERAÇÃO AMAZÔNIA”**

Atuação em 80 Localidades

1.124 Participantes

Coordenação Geral: MANAUS

- Volantes Rodoviárias na região Bragantina (ACAR-PA)

- Corvetas da Marinha, a “BAIANA” e a “SOLIMÕES”, atendendo as populações ribeirinhas dos rios Amazonas, Solimões e Tapajós; “MEARIM”, subindo o Rio Tocantins.



### PR/3 – “OPERAÇÃO VALE JEQUITINHONHA”

Atuação em 37 Localidades

368 Participantes

- Região crítica, paupérrima, com um dos maiores índices de mortalidade infantil do mundo, renda “per capita” irrisória, ausência completa de infra-estrutura, ausência completa dos equipamentos de apoio social. Coordenação Geral: Regional de Minas Gerais Apoio total da CODEVALE / Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha.



### PR/3 – “OPERAÇÃO SÃO FRANCISCO”

Coordenada pelo Projeto Rondon e pelo MUDES  
Desenvolveu-se ao longo da calha do ALTO e do MÉ-  
DIO São Francisco

Atuação em 39 Localidades

306 Participantes

Coordenação Geral: BOM JESUS DA LAPA

Sub-coordenações: 5 (Pirapora, Januária, Barra, Xique-  
Xique e Juazeiro)



### PR/3 – “OPERAÇÃO BERNARDO SAYÃO”

Ao longo dos 895 Km da rodovia Belém-Brasília  
Atuação em 14 Localidades. Mais uma Equipe Volante

128 Participantes  
Coordenação Geral e Coordenação Regional do Centro-Oeste

Presença de dois acadêmicos chilenos e 3 argentinos.  
Destaque para os jornaizinhos, mimeografados, informando os trabalhos, dias e locais em que seriam realizados e aproximando os estudantes das populações.



## **EVOLUÇÃO**

O Projeto Rondon prossegue pelos anos seguintes, com suas operações num constante processo de evolução e aperfeiçoamento.

Por um lado, a dimensão atingida pelo movimento exige cada vez mais que sua estrutura administrativa se amplie e organize em caráter permanente, instalando-se, além de uma Coordenação Geral, em âmbito nacional, Coordenações Estaduais em quase todos os Estados.

Oficializando essas transformações, em 06 de novembro de 1970, pelo Decreto 67.505/70, o Grupo de Trabalho “Projeto Rondon” é transformado em “Órgão da Administração Direta”, sempre subordinado ao Ministério do Interior, tendo, além de totalmente reformulada e ampliada sua estrutura, passado a ter autonomia administrativa e financeira. Além dos universitários e professores que integravam e dirigiam essas Coordenações, elas, tanto em âmbito nacional como em cada uma das estaduais, contavam com o apoio de um CONSELHO, constituído por representantes da sociedade, dos órgãos de governo locais e das classes produtoras.

É importante ressaltar que o apoio ao Projeto Rondon que inicialmente era, principalmente centrado nas pessoas que ocupavam cargos importantes de direção e chefia (caso pessoal, por exemplo, do Ministro Albuquerque Lima e do Ministro Costa Cavalcante, que o sucedeu e continuou apoiando o Rondon com o mesmo entusiasmo, dedicação e desprendimento), vai aos poucos se tornando menos pessoal e mais institucional, sem que essa evolução descaracterize o sentido de independência do movimento.

Em 1977, criada por Lei, é instituída a FUNDAÇÃO PROJETO RONDON, que substitui a estrutura anterior, passando a trabalhar em conjunto com as diferentes esferas de Governo, colaborando em caráter permanente em seus programas e projetos. Nes-

sa mesma época é criado o FUNRONDON, para a captação de recursos, através de incentivos fiscais.

De outra parte, evoluem e se aperfeiçoam, também, as formas de atuação. Pouco a pouco as operações de sentido meramente assistencialista e restrita aos períodos de férias, vão sendo substituídas ou complementadas por outras formas de atuação, de caráter permanente, mais comprometidas com as estruturas administrativas e programas regionais e com os próprios anseios das populações locais.

Os OBJETIVOS OPERACIONAIS do Projeto Rondon se consolidam, e passam nortear as diferentes operações e programas do movimento:

- \*Conhecimento da Realidade Nacional
- \*Integração Nacional
- \*Desenvolvimento
- \*Interiorização

A força motriz que estabeleceu esses objetivos partiu dos próprios universitários, com base em suas vivências nas operações realizadas e no trabalho efetuado nas diferentes Coordenações.

Assim, para poder atender ao grande número de universitários interessados em participar do Projeto Rondon, foi se tornando necessária a evolução das formas de atuação. Além das OPERAÇÕES NACIONAIS, realizadas nas férias de janeiro e fevereiro, de execução complexa e elevado custo foram criadas as OPERAÇÕES REGIONAIS, executadas durante as férias juninas, de realização mais simples, de menor custo e organizadas e operacionalizadas pelas Coordenações Estaduais. Posteriormente surgiram as OPERAÇÕES LOCAIS, em qualquer época do ano e, quase sempre por iniciativa das próprias Universidades.

Quando as Operações Locais se realizavam por iniciativa das Universidades, em caráter permanente, mas no âmbito de suas áreas geo-educacionais, os locais de suas realizações passavam a ser conhecidos como CENTROS DE ATUAÇÃO PERMANENTE.

Pouco a pouco a UNIVERSIDADE, como instituição, vai

assumindo uma parcela maior de participação nas atividades do Projeto Rondon. E o “CAMPUS AVANÇADO” é a forma como se materializa esse seu maior envolvimento direto na problemática do desenvolvimento e da integração nacionais. E, foi de tal importância esse programa dos “CAMPI AVANÇADOS”, que o mesmo deverá ser objeto de um capítulo especial neste retrospecto sumário da história do Projeto Rondon.

Como decorrências das Operações Nacionais e da atuação dos “Campi Avançadas”, passaram a ser incentivados os PROGRAMAS DE INTERIORIZAÇÃO, cujo escopo era o incentivo e o apoio à interiorização de profissionais de nível superior, tanto como profissionais liberais como para atuar junto às Prefeituras e aos órgãos da administração Estadual e Federal existentes na região. Havia um esquema para que o apoio inicial a esses profissionais fosse dado pelos “Campi Avançados” ou pelas próprias Prefeituras envolvidas.

Era objeto de estudos e providências a abertura de créditos especiais para que esses profissionais, caso desejassem permanecer com seu exercício profissional nesses municípios ou regiões, pudessem se habilitar a esses créditos, como por exemplo, para aquisição da casa própria, aquisição de equipamentos para seus consultórios ou escritórios, ou para a implantação de atividades econômicas privadas que pretendessem desenvolver.

E o importante foi que esses aperfeiçoamentos nas formas de atuação evoluíam, mas o “Espírito do Rondon”, a sua mística, continuava sempre igual.

O esquema abaixo procura sintetizar a dinâmica de atuação do Projeto Rondon na abrangência de sua evolução:

### OS “CAMPI AVANÇADOS”

Acolhendo as sugestões dos próprios participantes, que em seus relatórios sugeriam a necessidade de se estabelecerem atuações permanentes nas áreas assistidas, e não somente nas épo-



cas das férias escolares, nasceu a idéia dos “Campi Avançados” como uma evolução em direção a um desempenho mais permanente, mais técnico e de maior alcance.

Outro objetivo era, com esse programa, se procurar envolver mais diretamente a Universidade, como instituição, pois, até então, o Projeto Rondon contava com a adesão e o apoio maciço dos universitários, através de seus Diretórios Acadêmicos, e de um bom número de professores, mas a instituição universitária em si, de um modo geral, e com honrosas exceções, ainda se mostrava reticente, não assumindo de forma efetiva a condução do programa com o pleno envolvimento das suas estruturas acadêmicas.

Os “Campi Avançados” eram extensões das Universidades, constituindo-se como locais de estágios, instalados fora de suas respectivas áreas geo-educacionais, em pontos estrategicamente selecionados nas regiões menos desenvolvidas do País.

A atuação dos “Campi Avançados” tinha um duplo objetivo:

Por um lado propiciar aos universitários um aprendizado indireto, através da prestação de serviços técnico-profissionais dentro de suas áreas de formação, cumprindo programas previamente

estabelecidos e sob a supervisão direta de professores de suas Universidades em contato com a realidade local, vivenciada em seus múltiplos e complexos problemas, interiorizando o ensino universitário e a tecnologia.

De outra parte, as regiões onde se desenvolveriam esses trabalhos de estágio, iriam se constituindo em pólos de desenvolvimento integrado, pois as ações executadas ajustavam-se, em perfeito entrosamento, com as diretrizes dos órgãos de administração local ou regional, visando acelerar o desenvolvimento local integrado. O “Campus Avançado” posicionava-se como um órgão de assessoramento nos trabalhos de pesquisa, experimentação, planejamento e execução dos projetos que ali se desenvolviam.

Assim, os “Campi Avançados” muito contribuíram para melhorar, em suas áreas de abrangência, o nível de vida das populações do interior brasileiro, além de atuarem como ponto de partida para o desenvolvimento do espírito comunitário. Inicialmente funcionavam como pólos de atração que, com o tempo, iriam se transformando em pólos de irradiação.

O “Campus Avançado” procurava conjugar as iniciativas governamentais e privadas no que realizavam em áreas prioritárias.

Para a implantação dos “Campi Avançados”, em locais estrategicamente selecionados e previamente programados, o Ministério do Interior, através do Projeto Rondon selecionava as Universidades que se haviam habilitado ao programa, estabelecendo com as mesmas os convênios correspondentes, dos quais participavam o Governo local e outros órgãos públicos ou particulares interessados em participar da iniciativa.

As Universidades mantinham no seu “Campus Avançado” um professor que exercia as funções de seu Diretor e era permanente. Equipes de 25 a 30 universitários e professores, de formação multidisciplinar ajustada ao estágio dos programas em desenvolvimento, se revezavam mensalmente.

Os trabalhos eram planejados de forma a não permitir qualquer processo de descontinuidade com esses revezamentos. É

importante recordar, ainda, que esses estágios dos universitários, sendo considerados curriculares, promoviam a participação integrada dos corpos docente e discente, não só na preparação e no planejamento, como também durante a realização dos trabalhos.

A escolha da Universidade que iria operar um determinado “Campus Avançado” considerava, também, a idéia da integração nacional, levando para essas regiões mais carentes estagiários das regiões mais desenvolvidas, dos mais diferentes pontos do País.

O esquema abaixo mostra bem essa estratégia de integração na escolha das Universidades, conforme se pode observar no processo de implantação dos quatro primeiros “Campi Avançados”:

A Dimensão Geopolítica do Projeto Rondon e dos “Campi Avançados”

Histórica e secularmente, desde os primórdios da conquista e da ocupação da Amazônia, duas instituições marcaram lá sua presença: as Forças Armadas e a Igreja.

As Forças Armadas marcando a presença do Estado nas áreas fronteiriças, ocupando com suas unidades pontos estratégicos demarcadores dos limites do Território Nacional ou capazes de barrar o acesso a esse território. São exemplos históricos dessa presença os vários fortes construídos ainda pelos portugueses. Ao longo dos tempos essa presença continuou permanente e vigilante, da parte do Exército, com seus Pelotões de Fronteira, Colônias Militares, Comandos de Área e Batalhões de Selva. A Marinha e a Aeronáutica, da mesma forma, com seus patrulhamentos fluviais e posteriormente aéreos. Em razão das circunstâncias e da precariedade da presença dos demais agentes do Estado, essas Forças estavam, também, permanentemente apoiando e assistindo as populações existentes em suas áreas de atuação, particularmente nos setores da saúde, da educação e, no transporte e fornecimento de medicamentos e mercadorias básicas.

A Igreja, também historicamente esteve sempre presente com as chamadas “Prelazias”, que se instalavam com o objetivo



básico da catequese. Posteriormente, chegaram as “Missões”, também religiosas das mais variadas nacionalidades, religiões e seitas, que aí se instalaram, também a pretexto da assistência religiosa. Todas elas, em geral, pelas mesmas circunstâncias e a pressão dos problemas sociais, envolvidas na área assistencial, da mesma forma que as Forças Armadas.

O Projeto Rondon levou para a Amazônia uma terceira instituição, a UNIVERSIDADE, para, em ligação com as outras duas já lá existentes, PROMOVER O DESENVOLVIMENTO, através de pesquisas e projetos de toda ordem, coordenados com os órgãos federais, estaduais e municipais e, freqüentemente por eles financiados e, complementarmente, da mesma forma que as Forças Armadas e a Igreja já o faziam secularmente, atuar na área social, assistindo e apoiando as populações interioranas de uma maneira mais ampla e educativa, em coerência com a própria natureza de uma instituição de ensino.

A presença de uma Universidade, com a força e competência de toda sua estrutura acadêmica, elaborando, treinando e executando pesquisas e projetos, em níveis de qualidade impossíveis

para os órgãos existentes na área, pela carência de recursos humanos e laboratórios com a qualificação existente nas instituições de ensino superior, explica bem a importância decisiva dessa presença, através dos “Campi Avançados”, na desconhecida Amazônia, e em outras regiões carentes do País.

Na ação desenvolvida pelos estagiários dos “Campi Avançados” podia-se distinguir, em princípio, dois tipos de resultados:

- Um, de dimensão nitidamente SOCIAL, que poderia ser exemplificado pelos treinamentos e qualificação dos professores locais; pelos trabalhos de mobilização comunitária dentre os quais se destacavam os “Clubes de Mães”, os “Centros de Recreação de Jovens”, os “Postos de Saúde”, as “Casas de Parto”, os treinamentos para a coleta e preparo da água potável, a implantação de redes locais de abastecimento de água, as hortas escolares e comunitárias, a implantação de olarias, a orientação para a localização, construção e melhoramento das moradias, os cuidados com a alimentação e a saúde e um sem número de outras atividades nessa linha de trabalho.

- Outro, de dimensão POLÍTICA, decorrente do conhecimento da realidade amazônica nos núcleos inteligentes oriundos de regiões culturais diferenciadas e que resultava em um processo inicial de integração, importante neste País multicultural e, ao mesmo tempo, a conscientização política, às vezes até inconsciente, e que brotava da discussão crítica e das reflexões que ocorriam durante os trabalhos e, particularmente, quando da elaboração dos relatórios finais por parte de um grupo interdisciplinar, de nível superior, com suas conseqüências para o futuro, quando esses jovens viessem a exercer funções de responsabilidade na condução dos destinos do País.

É importante lembrar, ainda, que o princípio básico do PROJETO RONDON foi sempre o do **VOLUNTARIADO**.

Na sua concepção os “Campi Avançados” foram concebidos de modo, que com o tempo, com os resultados da implantação de seus próprios projetos, eles fossem se tornando auto sustentá-

veis, o que, no entanto, não chegou a acontecer.

O mapa que é a seguir apresentado mostra a distribuição e localização dos 23 “Campi Avançados” que estavam em plena operação, e os 06 que estavam em processo de implantação, quando o programa foi extinto, juntamente com a extinção do Projeto Rondon. O esquema permite, ainda, que se identifiquem as Universidades responsáveis pela operação de cada um deles.

### **DA EXTINÇÃO DO PROJETO RONDON**

Extinto oficialmente em 1989, o Projeto Rondon já vinha em processo de extinção e esvaziamento de sua filosofia e do sentido altruístico que o fundamentava e orientava suas atuações, desde 1983, quando do término do ciclo dos chamados “Governos Militares”.

As utilizações indevidas de suas estruturas, os abusos no manuseio dos recursos financeiros para outros fins, aproveitando-se as facilidades administrativas que o Projeto oferecia, os desvirtuamentos de suas finalidades, que passaram a ocorrer desde então, além das diversas ações de pretexto investigatório que se desenvolveram visando alguns de seus dirigentes na ocasião, tinham, na realidade, como objetivo, desacreditar o movimento junto à opinião pública. Apenas como um exemplo desse desvirtuamento, citamos o “rateamento” de seus cargos de direção entre os diferentes partidos políticos que apoiavam o governo que se instalava. Cresceram os “apetites políticos” e o Rondon “era um prato cheio...” inclusive pelos dividendos políticos que o próprio cargo de Presidente da Fundação oferecia. Fomos testemunha ocular de uma cerimônia de posse em que a jovem universitária empossada proclamou, em alto e bom som, e com muita empáfia: “Assumo a Diretoria de Planejamento do Projeto Rondon em nome do Partido Comunista Brasileiro...” atitude que se chocava frontalmente com a doutrina de não envolvimento com qualquer corrente político-partidária, ou mesmo ideológica, até então praticada pelo Rondon.

O Projeto Rondon nos seus 22 anos de existência tornara-

se um êxito indiscutível e gozava de enorme credibilidade e prestígio entre os estudantes universitários e a própria sociedade brasileira. E embora não fosse um programa de iniciativa do governo, era por ele apoiado e gozava de sua confiança, mesmo mantendo a total liberdade na tomada de suas decisões. E era assim que os universitários o viam. Trabalhava em programas do Governo em seus diferentes níveis. Mas esses Governos, proclamados aos setenta e sete como autoritários e discricionários, tiveram sempre a grandeza e o patriotismo de não interferir na administração do movimento, nem de tentar utilizá-lo como instrumento de propaganda ou doutrinação, respeitando a doutrina, a filosofia e a independência que tanto o caracterizaram e que foi, reconhecidamente, uma das razões do sucesso que alcançou.

É evidente que essa imagem e todo o êxito alcançado pelo Projeto Rondon, incomodava os novos detentores do Poder, e não poderia ser admitida, nos tempos de “revisão” que se passou a viver a partir de 1983.

Faltou uma postura de estadista na sua avaliação, antes da decisão de extingui-lo. Não se entrou no mérito de sua expressão sócio-cultural; de sua dimensão geopolítica e estratégica, considerando-se o trabalho que desenvolvia em prol da causa da integração e mesmo da nossa soberania e da própria segurança nacional.

Até o esvaziamento do princípio do trabalho voluntário - tão escasso na postura cultural do brasileiro, e praticado intensamente pelos participantes do Projeto Rondon naqueles 22 anos - foi realizado sem a menor preocupação.

Ao ser extinto o Projeto Rondon, não se considerou, também, o desperdício de recursos financeiros que se estava praticando, com a dilaceração de seu espólio, pelo abandono completo, ou cessões improvisadas das instalações e equipamentos dos vinte e três “Campi Avançados”. Além disso, vale lembrar o desperdício do capital humano que se pôs em prática ao “encostar” em outros órgãos, para funções meramente burocráticas ou de finalidades completamente diferentes, os quadros técnicos da Fundação Projeto

Rondon, desprezando-se todo o conhecimento e experiência acumulada por esses profissionais em 22 anos de trabalho com jovens, no incentivo ao trabalho voluntário, e com amplo conhecimento e vivência dos graves problemas sociais das regiões mais carentes do País e que, além de tudo, gozavam de um alto conceito junto à sociedade como um todo.

Não se contesta o direito que tinham os novos responsáveis pela condução dos destinos do País de redirecionar e reformular muitos dos programas e procedimentos administrativos que eram adotados pelo Projeto Rondon, de modo a melhor adequá-los aos objetivos e interesses dos projetos que pretendessem implantar. A própria denominação de projeto mantida pelo movimento, e que seus participantes tanto fizeram questão de preservar, pressupunha que o mesmo era ainda um plano, um desígnio em andamento, e como tal, admitindo sempre a possibilidade e necessidade de constantes avaliações nos seus objetivos e formas de atuação, não apenas para a correção dos desvios que viessem a se constatar no seu desempenho, como, também, para a introdução de aperfeiçoamentos para que suas atividades melhor se ajustassem às circunstâncias conjunturais de cada momento, inclusive respondendo de forma mais adequada aos novos anseios e motivações que os jovens viessem a apresentar.

Antes de extingui-lo, o mínimo que se poderia esperar seria uma simples avaliação sobre os resultados de sua atuação, na qual teriam facilmente constatado:

- Que depois de 22 anos de atuação o Projeto Rondon contabilizou a participação direta de aproximadamente 350.000 universitários e 13.000 professores, além de, indiretamente, alguns milhares mais de universitários e professores se terem envolvido nas atividades de coordenação, treinamento e administração das operações, nos níveis das Universidades, Coordenações Estaduais e de área.

- O inestimável trabalho de integração nacional desenvolvido em suas atuações durante todos esses anos.

- O incentivo ao trabalho voluntário, numa dimensão quantitativa e qualitativa até então nunca realizada no País.

- A estratégia geopolítica e de afirmação de nossa soberania, executada com a localização estratégica da rede constituída pelos 23 “Campi Avançados”.

- Pelos programas de interiorização de profissionais de nível superior, com a conseqüente expansão das fronteiras do mercado de trabalho para esses profissionais.

- Pela demonstração cabal e efetiva de que as ditas “barreiras ideológicas” que até hoje permeiam os quadros docentes e discentes de nossas Universidades, podem ser superadas e muito bem aproveitadas para o aperfeiçoamento dos objetivos e programas, através do confronto de idéias, quando realizado com altruísmo e visando o bem maior.

Entretanto, a ânsia “revisionista” e o açodamento em pro-



curar modificar ou acabar com tudo que pudesse ser classificado como “entulho do autoritarismo” - predominou sobre o mínimo de bom senso, de patriotismo e de exação no cumprimento do dever, que se deva exigir daqueles que se proponham a assumir as responsabilidades de Governar um País.

A extinção do PROJETO RONDON da forma como foi feita deve ser considerada como um verdadeiro crime de LESA PÁTRIA.

### E DEPOIS DA EXTINÇÃO?

O Projeto Rondon era uma verdadeira escola de civismo. Todos os que dele participavam voltavam impregnados de uma forma muito efetiva de amor à Pátria: voltavam conscientes de que precisavam participar e se comprometer, fazendo alguma coisa para modificar os graves problemas sociais que haviam vivenciado.

-O que foi oferecido aos universitários para substituir o vazio deixado por essa extinção?

- Muito pouco ou quase nada.

- É só conviver com os universitários de hoje, para se ter a certeza dessa afirmação.

(...)

Mas, o PROJETO RONDON, como ideal, como resposta aos anseios e angustias da juventude, NÃO ACABOU.

Seus ex-participantes, já se mobilizaram para reativá-lo, agora como organizações não governamentais, tanto em âmbito nacional como em alguns Estados que já se mobilizaram nesse sentido, desvinculando-as de qualquer subordinação ou dependência administrativa deste ou daquele governo.

Os caminhos para a retomada do movimento tal como foi concebido originariamente, porém, não serão fáceis, pois a frustração e as dúvidas deixadas nos meios universitários são muito grandes.

Mas, por outro lado, a maioria dos problemas que à época motivaram sua criação persiste, e muitos deles até de forma mais agravada: as desigualdades e injustiças sociais; o desemprego; o

abandono das populações interioranas no que tange principalmente aos atendimentos nas áreas da educação e da saúde; a violência; a “favelização” dos arrabaldes nas áreas metropolitanas; as ameaças da cobiça estrangeira sobre soberania da Amazônia, e tudo o mais...

A dificuldade está em reconquistar a confiança dos universitários, o que não se conseguiria tentando apenas repetir o que foi feito no passado...

Porém, a grande maioria dos que participaram do Projeto Rondon, “foi infectada com o seu vírus” e continuam “contagiados”.

Não esmoreceu seu ideal, “O ESPÍRITO DO RONDON PERMANECE INTACTO”.

Não temos dúvida de que será a partir deles, os ex-participantes, que se deverá buscar essa retomada.

**História do Projeto Rondon escrita por Mauro Costa  
Rodrigues para o site do Projeto Rondon-RS no endereço  
eletronico <http://www.ufrgs.br/projetorondon>**

## **PROJETO RONDON INTERNACIONAL**

Quando foi fechado o Projeto Rondon em 1989, seu espírito permaneceu vivo e sua lembrança continuou a encantar os participantes que queriam vê-lo reaberto, pela sua importância como projeto educativo e social. Assim em 1999 o Projeto Rondon-RS voltou como ONG e OSCIP visando oportunizar aos jovens a experiência que lhes faltava em sala de aula. Desta forma ainda em 1999 começava uma experiência inovadora para os universitários brasileiros, o convênio com a ONG canadense “Jeunesse Canada Monde-Canada World Youth” (JCM) passou a ser uma grande oportunidade de adquirir conhecimento e realizar trabalho social voluntário. Esta oportunidade tornou-se possível graças às negociações iniciais que foram realizadas pela direção nacional do Projeto Rondon, através de seu presidente Sérgio Mário Pasquali e de seu vice-presidente Estanislau Monteiro de Oliveira.

Desde o primeiro projeto em 1999/2000, onde universitários da ULBRA tiveram a primeira oportunidade de fazer uma troca internacional, mais de 500 jovens participaram em projetos, que beneficiaram mais de 30 comunidades do Rio Grande do Sul e algumas da Amazônia no Brasil e outras tantas nos mais diversos estados do Canadá, em projetos com duração de seis meses, três no Brasil e três no Canadá. Cada equipe é formada de 20 jovens brasileiros e canadenses.

No Brasil cada equipe desenvolve em parceria com o município, que indica os projetos de interesse social, projetos junto às comunidades carentes onde os participantes trabalham voluntariamente, realizando projetos de interesse comunitário. Para garantir uma boa integração cultural, vivem em famílias de acolhida e têm a supervisão de dois professores, um brasileiro e um canadense.



**Encontro dos Rondonistas da FACCAT, do Grupo de São Francisco de Paula - Saint Jérôme 2007 com o embaixador brasileiro Valdemar Carneiro Leão em Otawwa**

Os projetos de trabalho são desenvolvidos junto a escolas para portadores de necessidades especiais, asilos, hospitais, órgãos ambientais, postos de saúde, centros de atenção aos carentes e excluídos, entre outros seguindo e atualizando o slogan do projeto “Integrar para não entregar” numa busca da integração destas populações ao convívio da sociedade e na busca de sanar problemas da comunidade. Aos brasileiros acrescenta-se missão de integrar na nossa cultura os estudantes canadenses e com eles aprender formas de solucionar os problemas encontrados.

Desta forma o projeto cumpre várias missões simultaneamente, possibilita o aprendizado da língua aos participantes, serve as comunidades em suas necessidades e faz a integração entre os povos, não num nível oficial, diplomático, mas como nos disse o embaixador do Brasil no Canadá, Valdemar Carneiro Leão, em encontro que tivemos no ano passado em Ottawa, “Vocês fazem o trabalho diplomático de integrar os povos de uma forma humana, pelas bases, assim são embaixadores da paz entre os povos”.



## **Histórico da parceria entre o PROJETO RONDON e JEUNESSE CANADA MONDE**

Em 1999 o Projeto Rondon-RS começou uma nova fase de intercâmbios, assinada a parceria com a Jeunesse Canadá Monde, os projetos deixaram de se limitar ao território brasileiro para alcançar outras fronteiras, assim se abriram novas portas tanto para os acadêmicos brasileiros como para os canadenses. A parceria ampliou os horizontes de intercâmbio e passou a proporcionar novas experiências tanto para os participantes como para as comunidades atingidas.

*Tudo começou com as tratativas da então diretora regional da Jeunesse Canada Monde, Sylvie Terriault, com o presidente do Projeto Rondon em Brasília, Coronel Sérgio Mário Pasquali, onde foram traçadas as linhas de atuação e posteriormente trabalhadas com a decisão de ser desenvolvida uma parceria com o Projeto Rondon-RS. Oficialmente o Projeto Rondon-RS recebeu do então presidente nacional Estanislau Monteiro de Oliveira, em 23 de março de 1999, a responsabilidade de desenvolver esta parceria no Brasil, com as Universidades.*

*A partir disso o Projeto Rondon-RS começou a fazer sucessivos contatos com as Universidades para integrá-las gradativamente neste projeto Internacional. A primeira a se integrar foi a Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, em seguida a Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul - PUC-RS e posteriormente a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, as Faculdades de Taquara - FACCAT, a Univer-*



**Jantar de confraternização após a assinatura do convênio entre o Projeto Rondon e Jeunesse Canada Monde, à esquerda Sylvie Theriault e Michel Long, à direita no centro Tide Martins, Pres. Proj. Rondon-RS, à direita Matthew Pearce. Pres. JCM.**

*cidade de Santa Cruz - UNISC e o Centro Universitário FEEVALE, todas integrando este programa do Projeto Rondon a seus programas de extensão universitária. Desde então cada universidade passou a ter um professor responsável por este programa que até a presente data se desenvolve com grande sucesso dentro destas Instituições de Ensino Superior.*

*É necessário destacar o apoio dos senhores reitores como o Irmão Norberto Rauch da PUC-RS, o Padre Aloysio Bonen da Unisinos, o Pastor Ruben Eugen Becker da ULBRA, o reitor Luis Augusto Costa Campis da UNISC, o professor Delmar Backes diretor da Faccat, o professor Ramon Fernando da Cunha Diretor da Feevale que designaram professores dedicados para coordenar estas novas atividades como o Professor Edgar Erdmann na PUC-RS, o professor Josley Felipe Martins Krebes, a professora Hilda Gavene Dias e a professoras Marlisa Terezinha Argenta da Ulbra, a professora Vera Maria Bemvenuti da Unisinos, o professor Liceo Piovesan da*

*Faccat, a professora Carmem Lucia Helfer da Unisc e o professor Luiz Fernando Framil Fernandes, da Feevale.*

*Estas Universidades que se integraram ao programa formaram e treinaram uma equipe de supervisores com experiência internacional que hoje se tornaram consultores permanentes do Projeto Rondon-RS. (Tide Martins)*



**O presidente do Projeto Rondon-RS, Tide Martins à esquerda com o presidente de honra e fundador da Jeunesse Canada Monde Jacques Hébert.**



**Participantes canadenses, brasileiros e quenianos num encontro com Jaques Hébert em 25 de outubro de 2006, no parlamento canadense em Ottawa**

As negociações com a Jeunesse Canada Monde foram finalizadas entre o Presidente do Projeto Rondon - RS e Sylvie Therriault, então responsável pelo escritório regional do Quebec em Montreal e o encarregado de programas Michel Long e o primeiro protocolo foi assinado pelo então presidente Mathew Pearce.

Ao iniciar um programa de âmbito internacional nos perguntamos inicialmente sobre as vantagens de tal empreendimento, já que metade do tempo de nosso projeto se desenvolve em outro país e o trabalho dos nossos acadêmicos serve comunidades de além fronteira. A segunda indagação fica por conta da presença de estrangeiros no projeto dividindo as nossas oportunidades. Finalmente a parceria de uma ONG estrangeira em que pode contribuir para o nosso desenvolvimento? Para tal precisamos ver a história e a filosofia da Jeunesse Canadá Monde, e como esta se identifica com o espírito do Projeto Rondon.

A inspiração para a fundação da Jeunesse Canadá Monde surgiu de uma viagem feita pelo seu fundador, senador canadense Jacques Hébert, falecido em 2007, que ainda jovem, veio de automóvel do Canadá até o Rio de Janeiro. Esta viagem, mais que uma aventura foi a semente da convicção que as diferentes culturas que ele teve oportunidade de conhecer, formam um mosaico grandioso e muito rico. Daí surgiu a idéia de oferecer aos jovens oportunidade de conhecer estas diferentes culturas e outras que se espalham pelos quatro cantos do planeta. A semente estava lançada, aos poucos a idéia começou a tomar forma até que em 1971 a JCM foi criada. E pouco tempo depois começou a oferecer oportunidades aos jovens para participarem de intercâmbios onde:

- Pudessem adquirir conhecimentos, competências, atitudes e valores capazes de favorecer um engajamento nas suas comunidades.
- Fosse criada uma rede de pessoas de diferentes meios e culturas unidos pelo respeito mútuo e pela compreensão.

- Fossem criadas parcerias com outros países, organismos, e grupos de pessoas capazes de produzir efeitos sociais e ações concretas.

Um aspecto não explícito nestes objetivos, mas de fundamental relevância para a JCM, brota de um dos princípios de sua filosofia que é a “eqüidade” segundo o qual toda a oportunidade dada aos jovens canadenses de conhecer o mundo também deve ser dada a um igual número de jovens estrangeiros. Este princípio move a Jeunesse Canadá Monde a fazer parcerias com ONGs de todo o mundo.

No Brasil, o Projeto Rondon com sua filosofia de integrar as comunidades para não entregá-las a marginalidade e a exclusão, como muito bem coloca o Coronel Pasquali em seu depoimento no livro “História Oral do Exército”, como nenhuma outra Organização, oferecia oportunidade aos jovens de conhecer as culturas e atuar nelas, mantendo o respeito aos costumes e valores locais. Como projeto educativo o Projeto Rondon sempre procurou desenvolver nos seus participantes os conhecimentos, as atitudes e as habilidades necessárias para um engajamento social. Assim a parceria do Projeto Rondon-RS com a Jeunesse Canadá Monde aconteceu naturalmente ampliando o leque de possibilidades aos acadêmicos brasileiros.

Já no PR-3 houve a abertura para a participação de estrangeiros (chilenos e argentinos) como sublinhou o coronel Mauro Costa Rodrigues, e isto foi visto como uma possibilidade a mais de somar riquezas culturais ao projeto. Por isso temos a certeza que a presença de estudantes canadenses no Projeto Rondon-RS, não se caracteriza como ocupação dos espaços dos nossos estudantes, mas um passo além, já que a preocupação atual se volta às questões relativas a exclusão gerada pelo processo de globalização. O slogan “integrar para não entregar” adquire um significado internacional, ou seja, se atualiza a medida que o mundo dá voltas. Nos



**Rondonista Franco, da Unisinos, dando aulas de informática num projeto de inclusão digital na periferia de São Leopoldo em 2003.**

anos setenta as comunidades distantes na selva estavam jogadas à própria sorte, atualmente comunidades carentes até mesmo de grandes centros urbanos podem estar isoladas e excluídas do processo de globalização e da mesma forma sentir a exclusão, talvez hoje de forma tão dolorosa quanto a das comunidades perdidas na selva. As fronteiras da exclusão extrapolam as fronteiras políticas e geográficas, assim como os benefícios da globalização se alastram pelo mundo, também os efeitos perversos, como a exclusão, caminham juntos e somente a solidariedade pode reverter este quadro. Conhecer este quadro, vivenciar estas realidades e aprender com elas faz com que os jovens, que dirigirão o mundo daqui alguns anos, estejam preparados para enfrentar e dar combate a estes problemas. Assim a parceria do Projeto Rondon com a Jeunesse Canadá Monde contribui para a criação de uma rede de solidariedade num processo de integração, criando oportunidades de conhecimento e vivência. Estudantes brasileiros e canadenses desenvolvendo projetos sociais em conjunto, tanto aqui como no Ca-



**Rondonista Canadense Rachel (de rosa), e brasileira Licéia (de preto), trabalhando com crianças na praça na periferia de Salvador do Sul, em 2004. As crianças ficavam sozinhas em casa no contraturno da escola. A praça era o lugar para reuniões.**

nadá, fortalecem a solidariedade internacional enquanto se preparam para a vida.

As principais razões que levaram o Projeto Rondon-RS a começar em 1999 este intercâmbio foram:



**Alunos da Escola Célio da Fontoura em São Francisco de Paula, com os rondonistas brasileiro (Ramon) e canadense (Marieke) que desenvolveram um projeto de inclusão que contemplou desde aulas de inglês até noções de higiene e civilidade.**

- Dar aos brasileiros uma oportunidade de conhecer os problemas sociais de outras comunidades brasileiras e do Canadá e aos canadenses de conhecerem a nossa realidade, atuando nela com vistas a minimizar os efeitos da exclusão.

- Ajudar as comunidades brasileiras atingidas a adquirirem uma nova visão pela convivência com estrangeiros e poder avaliar sua própria cultura a partir de novos elementos passando a valorizar os elementos culturais locais.

- Fazer com que os participantes, ao desenvolverem seus projetos de trabalho voluntário numa pequena comunidade, na companhia de colegas de outro país, possam compreender o alcance global das ações realizadas localmente.

## O PROGRAMA

Para que este programa de intercâmbio se realize, e se encontrem os elementos necessários para desenvolver as diversas atividades de estudo e trabalho, ele é direcionado para a mais simples unidade administrativa, o município. Por que o município? Porque nesta instância administrativa encontramos todos os elementos básicos para a compreensão do desenvolvimento. No município as decisões são tomadas de forma muito mais próxima da população. Persiste uma relação pessoal entre o poder constituído e a população que o constituiu.

A comunidade municipal, em pequena escala, representa toda a estrutura administrativa que um grupo humano necessita para viver harmonicamente e se desenvolver. Nele se gerenciam a Saúde, a Educação, a Produção Industrial e Agrícola, os Serviços, a Segurança, o Meio Ambiente, a Cultura, o Lazer, enfim temos em pequena escala todas as instâncias de decisão e de prestação de serviços necessárias para compreender como é gerenciado o desenvolvimento. A partir deles pode-se fazer referência ou comparação para compreender o que se passa no mundo, sendo assim o Município é o centro do desenvolvimento do programa.

Em segundo lugar no município as decisões são tomadas com vistas ao desenvolvimento e bem estar de pessoas que os gestores (prefeito e secretários) conhecem pessoalmente. Isto faz com que as decisões tenham um caráter humano e não exclusivamente técnico. As decisões levam em consideração os anseios dos vizinhos e amigos do gestor, facilitando a consulta, que muitas vezes ocorre de maneira informal. Se o município for pequeno a transparência nas decisões é obrigatória já que população e administra-

ção fazem parte de um grupo que se conhece pessoalmente.

E finalmente como todos se conhecem, fica mais fácil de perceber que a autoridade está constituída a partir da vontade da população e a ela deve prestar serviço.

Por estas razões é que quando implantamos um programa o fazemos sempre a partir do entendimento com a autoridade municipal, que é uma forma de estar em sintonia com as necessidades locais e de ter o respaldo daqueles que estão não só legalmente, mas de fato representando a comunidade. O participante interagirá em todas as instâncias e com isso aprenderá como a comunidade produz seu próprio desenvolvimento, tanto aqui no Brasil como no Canadá.



**Um exemplo da proximidade da população com as autoridades municipais, em Nova Hartz, em 2007, uma família de acolhida de rondonistas foi a dos pais do Secretário de Educação.**

O programa de Intercâmbio do convênio entre o Projeto Rondon, as universidades e a ONG canadense Jeunesse Canadá Monde, consiste num Programa de Ações comunitárias e Intercâmbio Cultural e seu objetivo é a educação não-formal. Acredita-se que o participante aprenderá através das suas experiências, da sua adaptação a uma nova realidade, cultura e idioma. Os participantes não aprenderam somente conteúdos teóricos, mas o maior aprendizado está presente no cotidiano de cada um, nas suas emoções,



**Julho de 2004, três grupos de rondonistas da PUC-RS, UNISINÓS e FACCAT com os seus parceiros canadenses, recém chegados, para o Campo de Orientação. Estes grupos trabalharam respectivamente em Gramado, Salvador do Sul e Parobé.**

atitudes e comportamentos. Este é principal ponto atingido com este programa.

Para que se entenda um pouco melhor como acontece este processo e o que envolve o dia-a-dia de cada jovem nos seis meses, descreveremos abaixo alguns itens do programa e como favoreceram a aprendizagem:

1. Campo de Orientação: - É dividido em duas partes: uma de orientação aos participantes (COP) e uma orientação dos participantes na comunidade



**Rondonistas da ULBRA-Manaus e da PUC-RS, no Campo de Orientação em ValDavid-QC, em 2002**

(COPC). No campo de orientação são realizadas atividades que visam integrar os participantes dos dois países e fazer a escolha dos homólogos de vida, e fazer a distribuição dos participantes nas famílias de acolhida. São apresentados, também, os projetos de trabalho para os participantes, além de orientações sobre o projeto de estudo orientado pelo portfólio, jornadas educativas, bem como o calendário geral do projeto.

2. Homólogos: - *“Imagine-se em um outro país, envolvido por um ambiente completamente estranho aos seus olhos, onde falam uma língua que não é a sua... Imagine-se em uma família que você não conhece, uma comunidade que possui um sistema completamente diferente de sua comunidade de origem...*

*Mas imagine agora que você não está sozinho, você tem suporte, uma pessoa que está lhe auxiliando praticamente em todas as suas necessidades, desde como pegar o ônibus até como se manter persistente diante do choque cultural... Este alguém é chamado, sutilmente, de homólogo.*

*Mas ser homólogo nem sempre é tarefa fácil, muito pelo contrário, a convivência diária e a diferença, muitas vezes evidente,*



**Rondonistas da PUC-RS, no Campo de Orientação em Morungava 2007 após a escolha dos homólogos.**



**Duplas de homólogos.**

*no que diz respeito a atitudes e personalidades entre duas pessoas que convivem e dividem a mesma família e na maioria das vezes o mesmo quarto, contribui pára a existência quase natural de conflitos e desafios para ambas as partes. E é justamente neste aspecto que podemos observar um dos maiores desenvolvimentos no decorrer do projeto, o desenvolvimento pessoal que ocorre graças aos limites testados, as ações que surpreendem, as atitudes que*



**Família de acolhida em Salvador do Sul - RS em 2004**

*decepcionam, aos acontecimentos inesperados, etc., gerados com a convivência e o relacionamento entre os homólogos...”*

3. Famílias de Acolhida: A família de acolhida tem um papel importante para o programa. Por receber os participantes em seu lar, como se fossem os próprios filhos, ajuda os mesmos a adaptarem-se à nova cultura e faz com que a inserção deles na comunidade seja uma experiência de aprendizado. As famílias de acolhida quando escolhidas pelos supervisores do programa, de acordo com o perfil dos participantes, são um meio por excelência para a



**Família de acolhida de Joliette - QC, em 2007.**



**Família de acolhida em Lachute - QC, em 2004**



**Festa numa família de acolhida em São Francisco de Paula - RS em 2006**

As famílias de acolhida têm o perfil da comunidade, tanto no Brasil como no Canadá encontramos famílias tradicionais e estruturadas onde os participantes têm aproximadamente a idade dos filhos como famílias de idosos, jovens, monoparentais, alternativas, enfim a diversidade das famílias ajuda os participantes a compreenderem a sociedade local. Independente do tipo de família e das condições financeiras, vale notar que os participantes, em geral são categóricos ao afirmar que a sua foi a melhor família do programa como fala este testemunho: "Minha família no Brasil foi uma ótima família, pessoas muito simples, mas que tinham o interesse de aprender e ensinar, (...) tinha um pouco de problemas financeiros e tivemos algumas dificuldades de adaptação em relação a isso. Mas valeu a pena todos os momentos em família..." Algumas famílias são grandes, outras podem ser uma senhora que vive sozinha com um gato, mas todas são fontes de aprendizado constante.



**Festa em família de acolhida em Cornerbrookl - NF - CA em 2006**



**Reunião com líderes da comunidade num dos projetos de trabalho em 2004, Salvador do Sul**

integração na comunidade.

4. Comunidade de Acolhida: Esta é escolhida, no Brasil, pela Universidade em acordo com a Prefeitura do Município de acolhida, no Canadá, pela Jeunesse Canadá Monde. A comunidade é, também, parte essencial do projeto. Ela dá recursos para que seja possível estudá-la e, partindo de compreensões locais, chegar à conscientização de aspectos globais.

5. Projetos de Trabalho: No Brasil, o participante se envolve com o projeto de trabalho de forma mais ativa e criativa, pois ele é o autor do projeto que irá executar, em geral é indicada uma entidade onde o participante se apresenta, estuda as necessidades e os recursos e propõe um projeto executável no prazo do projeto. Na fase canadense os participantes são inseridos nos programas já existentes nos estabelecimentos, podendo inovar e usarem seus próprios conhecimentos. Através do próprio projeto desenvolvido nos locais de trabalho, é possível conhecer a realidade local e experimentar formas de intervir em prol da comunidade.

6. Jornadas e Atividades Educativas: São atividades educacionais e de conhecimento teórico-prático sobre os mais diversos temas presentes na comunidade e no país. Essas atividades acon-

tecem uma vez por semana. Há alguns temas de estudo que consideramos fundamentais, tais como: política; economia; usos e costumes de cada comunidade acolhedora; usos dos recursos naturais; distribuição das riquezas; idiomas; e outros. São realizadas também reflexões e discussões a nível mundial, questões como a globalização e o meio ambiente. Além de abordar todos estes aspectos os dias de Jornadas de Atividades Educativas também são reservados para a troca de experiência entre os participantes e informes gerais.



**Rondonistas da Faccat visitam reserva Guarani em Riozinho em dia de atividade educativa, em 2006.**

7. O Portfólio: é um caderno de atividades (elaborado com base na metodologia de Paulo Freire) onde a ação e reflexão se auxiliam e se retroalimentam. Sua finalidade é servir como um registro das experiências de forma subjetiva. Neste espaço, é possível demonstrar de forma criativa como estão desenvolvendo as sete habilidades exigidas pelo programa, que são: aprender a conhecer-se e o seu estilo de aprendizagem; compreender a dinâmica da comunidade local; aplicar suas habilidades de comunicação

intercultural; aplicar as características necessárias à coordenação de grupo e ao trabalho em equipe; integrar-se ao projeto de trabalho; adquirir noções básicas relativas ao desenvolvimento; comunicar-se em outra língua. O portfólio tem caráter avaliativo e possui atividades obrigatórias e outras facultativas. Os participantes devem incluir nos seus portfólios provas, visando dar maior credibilidade às reflexões e observações feitas.



**Grande parte do tempo livre é ocupado com estudos e discussões visando a elaboração do portfólio, como vemos nesta foto do grupo de 2004, em Coaticook.**

8. Responsabilidade dos participantes: Na maior parte das atividades previstas no projeto o acento recai sobre a responsabilidade do participante que ao mesmo tempo em que aprende a ser responsável começa a assumir seu papel no projeto. Ao decorrer do programa cabe a cada um adaptar-se a seu homólogo de vida e de trabalho, às suas famílias de acolhida, aos locais de trabalho, à comunidade, à língua portuguesa e francesa ou inglesa, a envolver-se no planejamento e realização das jornadas educativas, e ainda responsabilizar-se pelo seu portfólio. Assumindo estas responsabilidades ele se torna mais maduro e consciente.

9. Mid-Project: Na metade de cada fase o grupo faz uma



**Trabalho em grupo durante o Mid-Project do grupo da Unisinos, em 2002**

retirada estratégica de dois ou três dias, para realizar uma avaliação geral. Este também é o momento que o grupo tem para fazer reflexões, rever objetivos e analisar o próprio processo de desenvolvimento e aprendizagens realizadas durante o programa. Estes dias também servem aos supervisores para avaliar o grau de responsabilidade que já é assumido pelos participantes.

10. Avaliação Final: É um encontro reservado ao grupo, ao final de cada fase, com o intuito de proporcionar a avaliação do projeto até então desenvolvido. No final do projeto serve para rever tudo o que foi apreendido e para auxiliar nas reflexões finais a serem escritas no portfólio.

**(Adaptado a partir dos relatórios da PUC-RS e da FEEVALE 2006)**



# PROJETOS SOCIAIS

## **Projetos de trabalho, pessoais e comunitários.**

Nestes nove anos de atuação o leque de projetos sociais que foram desenvolvidos mostra bem a diversidade em que atuamos nos diferentes municípios. Conforme as necessidades sociais e a abertura dos diferentes organismos os participantes atuam de forma mais manual ou criativa. É importante ressaltar que a maioria dos projetos se desenvolve a partir de uma necessidade apontada pela comunidade, em outros casos os participantes ao perceberem uma lacuna ou carência desenvolvem seus projetos para a comunidade, estes últimos, em geral começam um pouco mais tarde, pois demandam pesquisa por parte dos universitários, mas na maioria das vezes são os mais positivos para a comunidade. Fundamentalmente os projetos desenvolvidos podem ser de três tipos, os que foram apontados pelo município e acolhidos pelo supervisor, onde atuam dois participantes, um brasileiro e um canadense entre 24 e 30 horas por semana com horário fixo, que chamamos “Projetos de Trabalho” e outros projetos que o participante descobre, organiza, e atua sozinho ou com outros participantes em horários variados, que chamamos de “Projetos Pessoais” e “Projetos Comunitárias”. Vejamos alguns exemplos de projetos de trabalho, projetos pessoais e projetos sociais comunitários.

### **1. Projetos de trabalho**

Os projetos de trabalho são a parte prevista com antecedência pelo supervisor durante o planejamento do programa quando são sondadas as possibilidades de implicação dos participantes em serviços à comunidade. Na medida do possível, o supervisor

procura a maior diversidade de possíveis projetos para os participantes para que estes possam ao mesmo tempo fazer trabalho voluntário e conhecer os mais diversos organismos, problemas e aspectos da sociedade local. Na maioria das vezes estes projetos estão ligados aos problemas sociais locais e se desenvolvem junto a ONGs ou Secretarias da prefeitura que visam atender problemas específicos como:

Junto a APAEs e escolas especializadas em educação de portadores de necessidades especiais a atenção ao deficiente procura mostrar novas formas de atender suas necessidades de aprendizado.

*“...meu projeto de trabalho foi desenvolvido na APAE, sou professora e tenho muita experiência com crianças, mas trabalhar com portadores de deficiências, seria um desafio, ainda mais para quem só os conhece na teoria. Já nas primeiras semanas tive um crescimento pessoal de senso humano muito grande, aprendi muita coisa com eles. (...) Foi muito divertido mas também difícil pois por causa da deficiência eles precisam de um tempo maior para entender.” (Patrícia A. da Silva – Participante da Faccat de 2005)*



**Rondonistas da Faccat, na APAE de Santo Antônio da Patrulha em 2005.**

Toda a atenção ao deficiente tem um cunho educativo de auxiliar os participantes que trabalham no projeto, e todo o grupo, a refletir sobre a condição do que é diferente na sociedade. Dentre os trabalhos mais significativos destacamos um de equoterapia, quando participantes passaram três meses ajudando a crianças especiais interagir com cavalos, onde as crianças aprendem principalmente a postura, o equilíbrio melhorando a coordenação motora ao interagir com os animais facilitando assim a comunicação e desenvolvendo os processos comunicativos. Outros projetos vão desde a bricolagem, pintura, desenho, leitura até a jardinagem e horticultura no Brasil, e no Canadá, em geral, os projetos são com deficientes adultos onde se procura ensinar uma profissão, inseri-los no mercado de trabalho, desenvolver fabricação de peças artesanais como colares, cartões de natal, bordado e pintura em tecido entre outros.

*“Os momentos que mais gostei de estar na Secretaria de Educação era quando podíamos visitar as escolas de Ensino Fundamental e ver o trabalho que estava sendo realizado lá. O mais legal era ver o interesse das crianças nos canadenses e o resultado do trabalho dos participantes que estavam nas escolas da rede estavam realizando”. (Alessandra Ceratti – Participante da PUC-RS de 2006)*

Em escolas de educação infantil que são um lugar onde o trabalho pode ser bem manual de atenção a alguma turma de crianças ou projetos de decoração de uma biblioteca infantil ou desenvolvimento educativo como a leitura, elaboração de jogos e brincadeiras visando a pré-alfabetização, o desenvolvimento da coordenação motora e motricidade fina e até mesmo turmas de iniciação a uma língua estrangeira. O fato de ter uma pessoa que fala um idioma diferente causa estranheza e curiosidade como relata a Luciana Jeckel (participante de 2006) *“Essas crianças eram muito curiosas em relação ao meu homólogo, o Alan. Não conseguiam entender como é que ele não sabia falar a língua que eles nasceram falando.”*

No Canadá em geral não trabalhamos neste tipo de escola



**Muitas vezes os rondonistas encontram situações precárias como nesta vila onde as atividades se realizavam na praça por falta de lugar para desenvolver as atividades...**

devido a exigências legais.

Em escolas de Ensino Fundamental tanto no Brasil como no Canadá, os projetos em geral ocupam os horários vagos das



**... O banco da praça passa a ser a mesa de trabalho**



**e o barro coletado na beira da estrada a argila para modelar...**

turmas para jogos e brincadeiras para desenvolver noções como direção, coordenação, respeito, cooperação entre outros ou ensino de uma língua estrangeira, apresentação de outras culturas, noções de ecologia e meio ambiente, esportes e atividades ao ar livre. Nas escolas que dispõe de equipamento são comuns aulas de in-



**Rondonista canadense dá aula de ingles em Santo Antonio da Patulha.**

trodução à informática para as crianças.

Em escolas de Ensino Médio as atividades mais solicitadas no Brasil são o ensino de uma língua estrangeira, pois a presença de estrangeiros serve como motivação aos estudantes para aprender, o desejo de se comunicar com alguém que não fala a nossa língua cria uma predisposição para o aprendizado e o fato de ter um estrangeiro que não fala bem o português provoca a desinibição do estudante para falar uma língua estrangeira. Também são comuns as aulas de reforço, mais comuns em matemática, ciências, geografia e história. Projetos de teatro com estudantes e pesquisa de problemas comunitários também já foram realizados. No Canadá em geral damos apoio às associações de estudantes e ao departamento de apoio cultural aos estudantes que realiza atividades como teatro, música e saídas ao ar livre.

Ainda na área de educação são comuns tanto aqui como no Canadá projetos de educação de adultos que vão desde a alfabetização até cursos de artesanato e horticultura e jardinagem.

Nas secretarias de Cultura, nos municípios brasileiros, quase sempre desenvolvemos projetos junto às Bibliotecas Públicas ou a Museus, nestes lugares além de prestarmos serviço ao município também ajudamos o grupo a compreender os valores culturais e a cultura local. Nas bibliotecas o nosso trabalho vai desde o desenvolvimento de softwares para controle e catalogação até atenção ao público e nos museus desde a organização de eventos até auxílio a restauração de peças antigas. No Canadá, os museus e bibliotecas, em geral, são independentes das secretarias de cultura o que não impede que realizemos junto a estes organismos. Também temos trabalhado junto a cooperativas de artesãos e artistas, centros de documentação audiovisual, centros de proteção ao patrimônio cultural e artístico.

Na agricultura tanto no Canadá como no Brasil trabalhamos com projetos de apoio a pequenos agricultores e agricultores que desenvolvem agricultura biológica onde se estuda a possibilidade de produção de alimentos com o menor impacto ambiental

possível. Estes projetos além de visarem o estudo da produtividade estudam a viabilidade social e econômica da atividade agrícola em pequena escala como uma forma de fixar estas pessoas ao campo evitando a migração para as cidades onde seriam cidadãos sem profissão engrossando os cinturões de miséria nas grandes metrópoles. O trabalho tem como objetivo melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores rurais como descreve o Gustavo:

*“No começo senti que meu trabalho não traria grandes contribuições para a idéia do programa, mas com o tempo fui percebendo toda a conscientização e preocupação para com tudo e todos que acontecia ali, desde o reaproveitamento da água até os tipos de relacionamentos com as pessoas. Percebi como era importante minha ajuda ali para eles e quanto eu poderia aprender com isto tudo”. (Gustavo Petry Custódio – participante da Faccat de 2006).*

Também desenvolvemos projetos de hortas domésticas e nas escolas como foi o projeto do Tiago Fiorio e da Kaly Bowser.

*“O projeto de trabalho, foi a construção de hortas comunitárias nas escolas, aprendi muito com as pessoas e com minha homóloga, mas tive que ser bem independente, pois nosso trabalho foi paralelo pois o órgão responsável pelo nosso trabalho não estava com nenhum projeto em desenvolvimento e tivemos que ser bem independentes e criativos.” (Tiago Fiorio – participante de 2007).*

Em geral estes projetos são desenvolvidos visando incentivar uma alimentação mais saudável.

Na saúde trabalhamos em hospitais em atividades como levantamento patrimonial, auxílio à enfermagem e programas de controle da infecção hospitalar, serviços gerais e administrativos. Em postos de saúde nossos trabalhos vão desde as campanhas de vacinação até pesquisas para implantação de Programas de Saúde da Família (PSF). Junto a secretarias de ação social, no Brasil, também fazemos cadastramento de condições de famílias carentes com vistas à prestação de serviços pelo município. Elaboramos



**Participando da campanha de vacinação contra a poliomielite no posto de saúde de Campo Vicente, em 2007**

folhetos e cartazes para campanhas de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis fazemos palestras junto a adolescentes nas escolas no Brasil e casas de jovens no Canadá.

Outra atividade muitas vezes presente é o trabalho com a reinserção social de dependentes do álcool, drogas e de jogos. Cada vez mais a nossa sociedade gera dependentes das mais diversas espécies que se tornam um problema social.

*“Meu projeto de trabalho desenrolou-se no Soupe-Cafe Rencontre, situado no subsolo da Catedral do Cure Labelle, uma instituição que além de dar ajuda alimentar, também servia de centro de ressocialização de ex-presidiários, ex-prostitutas, ex-drogados, idosos, pessoas com deficiências físicas e/ou mentais, etc... ou seja, as pessoas que por um motivo ou outro, além de serem pobres não são muito bem quistos e visto pela sociedade. Uma vez ouvi do meu homólogo de trabalho, Beaudin Bennet, que estas pessoas eram vistas como “o fundo da sociedade”. Acho que a palavra que ele usou “fundo” pode ilustrar bem a situação destas pessoas dentro de sua sociedade, pois são um pouco esquecidas e ignoradas, como se fossem “escondidas”, enquanto só são mostradas e lembradas as pessoas di-*



**Rondonistas trabalhando na horta escolar na escola Pinguinho de Gente em Santo Antônio da Patrulha, em 2005**

*tas normais ou as que têm dinheiro.” (Viviane R. Basegio – Participante da Faccat de 2006)*

Nossos trabalhos nestas casas de recuperação e reinserção são geralmente ligados a oficinas de artesanato e atividades laborais. No Canadá além da recuperação de dependentes começam a existir casas ou pequenas empresas de economia social que buscam a reinserção de trabalhadores desempregados que querem aprender



**Rondonistas brasileiras colhendo cebolas numa propriedade agrícola de economia solidária que pratica a agricultura biológica em Windsor-NS, em 2005**



**Brasileiros trabalhando em Saint Jérôme, em 2006, numa campanha de prevenção da Aids e doenças sexualmente transmissíveis.**

um novo ofício para voltar ao mercado de trabalho. Também já fizemos projetos visando a prevenção de vícios.

Mais freqüente no Canadá fazemos trabalho voltados a bancos alimentares e restaurantes de baixo custo para os menos favorecidos. Estes locais oferecem refeições de graça ou a baixo custo e cestas básicas para as pessoas de baixa renda, o trabalho de-



**Rondonista trabalhando no banco alimentar "Mathew Foodbanck" em Windsor, 2005**



**Crianças atendidas no contraturno da escola na escola da vila Britadeira em São Francisco de Paula - RS**

envolvido pode ser no cadastramento e controle ou na separação, classificação e distribuição de gêneros alimentícios.

Trabalhos com crianças e jovens de rua são comuns nos dois países e se tornam cada vez mais comuns projetos de trabalho com crianças e adolescentes em situação de risco ou cuja guarda foi tirada dos pais pela justiça. Nestes projetos é comum a visita às famílias e encontros com especialistas na área do direito, psicologia e serviço social. Para os alunos destes cursos além de servir como um estágio é local de um aprendizado inestimável.

Já foram desenvolvidos projetos de ocupação e reforço escolar, no contraturno da escola, geralmente ligados a secretaria de educação e desporto. São projetos que visam tirar as crianças e jovens das ruas e ocupá-los com atividades educativas, esportivas e culturais.

Projetos de comunicação desenvolvidos junto às rádios e televisões comunitárias ajudam a divulgar o trabalho realizado na comunidade e ao mesmo tempo ajudam na formação dos estudantes como estágio e, na maioria das vezes, podem se tornar projetos pessoais para os participantes que são realizados em outros horári-



**Televisão comunitária d'Argenteuil, projeto de trabalho em 2004, em Lachute - QC - CA.**

os, favorecendo ainda mais a integração do grupo na comunidade.

Na área de turismo, no Brasil, desenvolvemos projetos de levantamento de dados e planejamento de turismo rural e no Canadá abertura e promoção de trilhas ecológicas para caminhadas educativas.

Desta forma pode-se ver que o leque de atividades cobertas por este projeto é imenso e que os resultados para as comunidades às vezes são em curto prazo, mas na maioria das vezes a médio e longo prazo o que dá ao nosso projeto um efeito multiplicador que colabora com o desenvolvimento comunitário e conseqüente-



**Jornalistas de Coaticook, Sherbrooke e Compton visitam trilha ecológica aberta por rondonistas em Compton - QC - CA, em 2004.**



**Abrindo uma trilha para caminhadas de educação ambiental em Windsor - NS - CA, em 2005**

mente com a melhora da qualidade de vida das pessoas.

No entanto os mais significativos projetos de trabalho foram desenvolvidos junto ao meio ambiente. Nesta área se desenvolvem projetos como campanhas de coleta seletiva visando a reciclagem, oficinas de compostagem, palestras visando a conscientização sobre a preservação da água e dos recursos naturais, utilização de fontes alternativas de energia, recuperação de moveis e materiais usados e até mesmo campanhas de limpeza e recuperação de arroios e fontes.



**Visita com crianças à oficina de mudas em São Francisco de Paula - RS, em 2006, visando desenvolver a consciência ecológica nas crianças.**

## **2. Projetos Pessoais**

Os projetos que chamamos de projetos pessoais são aqueles que os participantes desenvolvem nas suas horas de folga. Estes não têm a coordenação dos supervisores ou de quem quer que seja da comunidade, são projetos onde o participante que o idealiza, faz a coordenação e a execução, e quando necessário solicita o suporte dos supervisores.



**Programa na rádio comunitária, iniciativa da Miriam e do Samuel, tendo como entrevistadas as participantes que trabalhavam na APAE e uma das diretoras da APAE de Santo Antônio da Patrulha - RS**



**Projeto de debate envolvendo as forças vivas da comunidade de Santo Antônio da Patrulha para refletir sobre as carências e forças da comunidade.**

Na sua grande maioria são projetos onde um ou dois participantes assumem um desafio e realizam o projeto como dar aulas de francês ou inglês para interessados na cidade, organizar uma jornada de debates sobre um assunto determinado, realizar uma atividade esportiva ou recreativa, fazer uma coleta de fundos para alguma instituição, realizar uma saída com o grupo, fazer uma atividade com as famílias, organizar uma festa brasileira no Canadá ou canadense no Brasil com intuito de divulgar a cultura, participar de uma atividade da comunidade, entre outros.

No entanto alguns adquirem uma envergadura maior, como solicitar um espaço na rádio local e fazer um programa semanal envolvendo outros participantes e a comunidade, fazer uma pesquisa de satisfação junto aos estudantes secundários da cidade quanto às atividades de lazer oferecidas, mobilizar a comunidade numa semana de debates sobre o futuro da comunidade, trabalhar nos fins de semana na televisão comunitária e fazer um programa especial sobre o projeto, fazer uma ampla campanha de preservação das águas e limpar o lixo acumulado próximo a nascentes, arborizar uma praça, organizar gincanas culturais envolvendo participantes e a comunidade ou até mesmo escrevendo e dirigindo um



**Cena do Musical apresentado pelos rondonistas de 2007, em Nova Hartz - RS.**

musical com a participação de todos os participantes e membros da comunidade. Estes projetos são muitas vezes trabalhosos, mas compensadores como o Tiago descreve:

*“Meu projeto pessoal foi realizado com minha homologa de trabalho e graças a todos os participantes do programa, o Musical “Au Claire de La Lune” foi um trabalho bem difícil, escrever, dirigir, atuar, ensaiar, cuidar do som, palco, figurino, mas com a ajuda de todos podemos finalizar nosso programa no Brasil com a apresentação do musical que foi certamente uma forma de agradecer a comunidade que nos acolheu.” (Tiago Fiorio – Participante da Faccat de 2007)*

Estes projetos são de iniciativa dos participantes e ajudam a despertar o espírito de liderança e tem um efeito positivo junto à comunidade que reconhece e participa. Desta forma o projeto envolve a comunidade no debate sobre seu próprio desenvolvimento. Além de serem uma forma de atuação na comunidade muitas vezes são as sementes de movimentos que perduram na comunidade depois do projeto.



**O grupo agradeceu a comunidade com uma apresentação teatral de qualidade.**



E a comunidade valorizou com sua presença em massa. No ingresso, onde foi solicitada a doação de alimentos, foi arrecadado quase uma tonelada de alimentos não perecíveis para organismos sociais da comunidade.

### **3. Projetos comunitários**

São projetos que envolvem o grupo todo e planejados pelos supervisores a partir de necessidades da comunidade, podemos citar como os mais importantes a pintura de escolas, a limpeza de arroios, campanhas ambientais, campanhas de saúde, festas, etc.



**Pintura da escola municipal Gastão Englert de Rincão dos Kroef-SFP-RS**



Rondonistas trabalham na pintura de escola em Gramado - RS, em 2004



Pintura de escola no interior de São Francisco de Paula-RS, em 2006



Arrecadação de alimentos feita por Rondonistas, em Camaquã-Rs, em 2006.



**Rondonistas da Faccat e Canadenses fazem o plantio de araucárias próximo às nascentes do rio Rolantinho da areia, em 2006.**



**Coleta de lixo nas margens de banhado em São Fco. de Paula-RS, em 2006**



**Coleta de lixo as margens do Rio St. François em Sherbrooke-QC, em 2004**



## **AS UNIVERSIDADES COMO PARCEIRAS DO PROJETO RONDON**

Mesmo tendo sido um programa de governo de apoio comunitário, de demarcação de fronteiras territoriais e humanas e de educação para a cidadania e multiculturalidade, o Projeto Rondon sempre foi um projeto de estudo ligado às universidades. Foi uma forma de ensinar aos brasileiros, fora das salas de aula, a riqueza natural e cultural e a diversidade que existem no nosso país, mesmo antes de se falar em globalização o Projeto Rondon estava preocupado com ela, ou com o que viria a ser. Neste contexto a participação da universidade e dos universitários foi fundamental para ampliar a reflexão e as discussões sobre o respeito e a preservação das culturas regionais brasileiras. Assim, nem o Projeto Rondon, enquanto órgão de governo, nem as universidades teriam condições de levar a cabo tão importante missão, sozinhos. Hoje, esta separação seria inviável já que o mundo se complexifica e cada vez mais se entrelaçam as diferentes áreas do conhecimento. Assim a parceria é definitivamente o caminho para a viabilidade de projetos de tal envergadura e repercussão social.

Para o acadêmico, o aspecto mais interessante do projeto, é sem dúvida o educativo, daí a necessidade de um apoio acadêmico institucional para o projeto. Participar dum projeto de intercâmbio do Projeto Rondon é muito mais do que se mobilizar por algum tempo para fazer algum trabalho social ou de extensão. O projeto é uma preparação para a vida profissional não importando qual o curso ou em que área o acadêmico pretende atuar.

Diferentemente do processo acadêmico de ensino aprendizagem onde cada ciência ou área do conhecimento é definida para ser estudada, a vida é o resultado da integração de todas. Essa



**Estudantes brasileiros e canadenses ostentam com orgulho as cores de seus países, do Projeto Rondon e de sua universidade no desfile de sete de setembro em São Francisco de Paula, em 2006**

complexidade que escapa, na maioria das vezes, no processo de ensino aprendizagem regular é recuperada no entrelaçamento de estudo, trabalho e convivência social dum programa de intercâmbio como o Projeto Rondon.

O projeto acadêmico da universidade trabalha metodicamente na busca de conhecimentos específicos, dividindo e estudando em profundidade cada aspecto do conhecimento, da sociedade, da natureza, enfim da vida. Desta forma a ação proposta no Projeto Rondon depende do conhecimento adquirido pelos acadêmicos na universidade e a universidade tem no Projeto Rondon um parceiro que oferece o teste de campo para estes conhecimentos, sua aplicação prática. Nesta parceria ambos cumprem sua função social possibilitando a cada participante com seus conhecimentos, inserido num contexto social diferente do seu e num projeto de trabalho social voluntário, estabelecerá necessariamente relações com sua área de estudo assim estará não somente fortalecendo seus próprios conhecimentos como descobrindo a função social do conhecimento adquirido nos bancos escolares.



**Alunos da PUC-RS e canadenses do Rondon, em 2004 em Gramado - RS, organizam um torneio de basquete para cadeirantes numa mostra de integração com todos os setores da sociedade.**

Desde sua fundação o Projeto Rondon se caracterizou como um projeto de estudo, por causa disso e de sua filosofia não pode ficar de fora do mundo acadêmico, nem realizar projetos sem a presença e a participação das universidades. Desta forma oportuniza aos estudantes uma possibilidade de sair da universidade e por em prática seus conhecimentos para depois retornar com novo ânimo



**No desfile de sete de setembro de 2006 em Camaquã, alunos da PUC-RS e canadenses do Rondon aproveitam para agradecer a acolhida.**

e novos desafios e questões para serem resolvidas. Desta forma se apresenta tanto como um projeto de extensão universitária, um serviço social e, além disso, uma fonte constante de questionamentos e indagações para os acadêmicos. O contato com a realidade numa imersão em outras culturas tanto no Brasil como no Canadá possibilita a abertura a uma visão multicultural e abre campo para a produção de conhecimento voltado a estas realidades. Um projeto como este somente pode ser desenvolvido no meio acadêmico, caso contrário não encontraria abertura e capacidade de reflexão necessária para seu desenvolvimento. Assim a capacidade de reflexão dos universitários, como a supervisão feita pela universidade, é de fundamental importância para o desenrolar tranquilo e produtivo do projeto. Se de um lado a universidade contribui com o conhecimento de base o Projeto Rondon contribui com a transversalidade dos conhecimentos e a construção da rede e das ligações entre os mesmos.

O apoio institucional, acadêmico e financeiro, dado pela instituição de ensino ao projeto, retornam como investimento social aproximando a universidade de sua comunidade e criando elos de ligação com o poder público e a população. Ao expandir a área de atuação de seus universitários a instituição alarga sua área de abrangência, desta forma o investimento social atua positivamente na construção da imagem da instituição que refletirá, necessariamente, na sua qualidade de ensino e até mesmo em sua qualificação junto ao mercado. Também as parcerias geradas com o poder público passam a se caracterizar como um projeto onde todos os participantes passam a representar mais do que a soma de cada um individualmente, assim todos ganham.

A parceria com Projeto Rondon representa a abertura da instituição de ensino à comunidade, em especial a parte mais carente dela, que sem esta ação estaria excluída da produção social do conhecimento e jamais teria condições de usufruir seus benefícios. Este processo traz benefícios não somente para a universidade, mas também:

- Para a comunidade que é privilegiada com a presença e com o trabalho dos acadêmicos que atuam junto dela.

- Para os acadêmicos, com a possibilidade de colocarem em prática seus conhecimentos, vivem uma experiência multicultural, estudam o desenvolvimento da comunidade e sua complexidade com o apoio de instrumentos e supervisão qualificada, ganham experiência de vida e desenvolvem sua capacidade de aprender a partir da experiência. Este processo auxilia a reflexão e a produção de questionamentos que vão qualificar mais ainda seu curso e em consequência a qualidade de sua universidade.

- Para o poder público que abre suas portas a esta experiência dando suporte e apoio ganha com a experiência dos participantes, na medida que tem uma visão externa dos problemas que atingem a comunidade. Esta visão, que tem como pano de fundo a instituição de ensino, pode apontar soluções que, às vezes, são ofuscadas pelos problemas do dia a dia.

Assim se enriquece a universidade com novos questionamentos e conhecimentos, os acadêmicos com aprendizagens que jamais fariam nos bancos escolares, a comunidade com o trabalho e uma visão externa de seus problemas e o Projeto Rondon com a certeza de que sua missão de integrar populações excluídas das fronteiras geográficas e sociais está sendo cumprida.



## **DIMENSÕES DO PROGRAMA NO BRASIL**

O projeto de intercâmbio com o Canadá do Projeto Rondon-RS, veio acrescentar algumas dimensões muito importantes ao Projeto Rondon sem, no entanto, fugir do espírito original do Rondon que guiou e guia até hoje os passos de seus integrantes. Hoje podemos dizer que o Projeto Rondon produz efeitos em no mínimo cinco dimensões diferentes, ou seja: na oferta de trabalho voluntário, nos setores da comunidade que são atingidos, na atuação pedagógica dos participantes na comunidade e sobre si mesmos, na atuação acadêmica e no desenvolvimento comunitário. Por isso podemos dizer que o espírito do Projeto Rondon ressurgiu enriquecido de dimensões novas que contribuem para melhorar ainda mais a contribuição do projeto com o desenvolvimento, não só do Brasil e das comunidades atingidas, mas com o desenvolvimento de um espírito global.

A oferta de trabalho voluntário visando ajudar as pessoas carentes, nos projetos de intercâmbio do Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, adquire uma dimensão cada vez mais comunitária, pois se dirige mais para o coletivo do que o individual. Os projetos de trabalho, na maioria das vezes têm como objetivo ajudar uma instituição do município que já conhece os problemas e busca a solução para eles. O trabalho numa instituição que conhece os problemas locais facilita o trabalho, pois a busca de informações já foi feita, isto agiliza a busca de soluções. Por outro lado o trabalho de alguém que vem de fora, que não vive a rotina do organismo em questão, permite ver soluções que ainda não foram experimentadas, abrindo o leque de possibilidades. Uma ajuda que vem de fora sempre é benéfica, quando se trata de trabalho voluntário, este tipo



**Rondonistas plantam cebolas numa horta coletiva, em Nova Hartz, uma forma de aumentar a qualidade de vida sem sobrecarregar o orçamento doméstico. Uma iniciativa exemplar para o desenvolvimento social e comunitário.**

de trabalho é recebido com simpatia pela comunidade, pois não representa risco de perda de emprego aos funcionários. Isso gera uma empatia, porque não existe o perigo da concorrência, facilita a obtenção de informações e dados agilizando assim a busca de soluções.

Na grande maioria das vezes os projetos são desenvolvidos junto às secretarias de Educação, Meio Ambiente, Assistência Social, Saúde ou Agricultura que são as candidatas mais comuns para o desenvolvimento de projetos. Fora da esfera da administração pública órgãos como associações e ONGs são os candidatos naturais. No entanto, a finalidade de cada projeto está sempre voltada a dar atenção aos excluídos e marginalizados, enfim aqueles que precisam de ajuda para melhorar suas condições de vida. Ao melhorar as condições de vida destes, ganha a sociedade como um todo, pois se caminha rumo a um maior equilíbrio na sociedade que gera mais segurança e bem estar a todos.

No entanto o maior resultado de um programa como este é com certeza o que se obtém no campo pedagógico. A função educativa do projeto não se limita aos participantes. Vejamos em breves linhas como a comunidade pode aprender com a presença

de estranhos por um período de alguns meses. Numa pequena comunidade a presença de estranhos gera num primeiro momento uma curiosidade contagiante que envolve, em geral toda a comunidade. Após algumas semanas a curiosidade com relação aos “turistas” dá lugar a um questionamento quanto ao objeto desta estadia prolongada, é aí que começa a fazer efeito o trabalho voluntário. As pessoas começam a se questionar o que faz esta gente de fora? Afinal o que eles querem?

Neste momento a comunidade começa a perceber que o trabalho voluntário tem como finalidade seu próprio desenvolvimento e a curiosidade se transforma gradativamente em simpatia e sugere a auto-ajuda para a solução de problemas locais. Desta forma o trabalho passa a ser um exemplo do que a própria comunidade pode fazer por si mesma. Esta dimensão pedagógica de despertar as forças da comunidade é, com certeza, o mais precioso efeito de um programa de media duração como este.

Não menos importante é o efeito pedagógico que se gera sobre os participantes. Estes descobrem outras realidades, descobrem mesmo que tão perto de suas casas existem culturas muito diferentes, isto põe em cheque suas certezas e suas verdades cri-



**Rondonistas da PUC-RS e da FACCAT, em2007, em almoço no refeitório coletivo da Cooppan, Cooperativa agrícola, em Nova Santa Rita - RS num dia de estudo sobre alternativas econômicas.**

ando uma abertura para o outro e para o mundo. Por outro lado, há também um despertar para o social, para a porção da comunidade que é excluída, seja por questão financeira, ou por condições e limitações pessoais. Um acadêmico que viveu praticamente toda a sua vida uma certa rotina em que todas as mudanças ocorreram de forma lenta ou planejada ao se deparar com uma realidade diferente e conflitante, vê-se obrigado a questionar seus conceitos e ao menos tomar consciência de que existe um mundo fora do seu que é diferente. Fazer um trabalho na área social, muitas vezes, fora ou quase, de seu campo de estudo abre novas possibilidades de aplicação do que está aprendendo.

Em função do apoio da universidade o projeto também tem uma dimensão acadêmica, pois o participante pode e é estimulado a desenvolver pesquisa para a realização de um portfólio que lhe assegurará um acompanhamento acadêmico e em muitos casos permite que este tempo possa ser acrescentado ao seu currículo acadêmico como horas de atividades complementares ou disciplinas eletivas.

O efeito da etapa brasileira do programa se faz sentir diretamente sobre as pessoas atingidas, sejam elas ajudadas em seu trabalho, educadas, alfabetizadas ou simples expectadores que observam o trabalho que se realiza. As famílias que acolhem os participantes abrem suas portas para um mundo diferente de troca cultural e de novas experiências com o mundo em que vivem. A comunidade ao mesmo tempo em que se beneficia do trabalho voluntário aprende com os que vêm de fora a ver sob outros ângulos os problemas que dificultam seu desenvolvimento. Desta forma não são só os participantes que ampliam seus horizontes, mas a comunidade também se abre para um mundo que cada vez mais se globaliza. Esta compreensão faz com que cada vez mais se tenha e se amplie a consciência de que a ação de uma comunidade tem reflexos do mundo todo e no mundo todo. O participante descobre seu papel na sociedade local e a necessidade de atuar como cidadão consciente e ativo.

## **DIMENSÕES DO PROGRAMA NO CANADÁ**

A segunda etapa, a canadense, do programa altera radicalmente uma série de papéis dos participantes tanto brasileiros como canadenses. Neste momento os acadêmicos brasileiros passam a desempenhar o papel de visitas e os canadenses os anfitriões. A par desta mudança muda a língua e a estrutura familiar e social das cidades canadenses, lembrando que para os canadenses a única coisa que têm em comum é a língua e em muitos casos nem ela. Para os participantes brasileiros ingressar numa sociedade estruturada é talvez o maior choque cultural, aqui eles encontrarão organismos sociais e comunitários organizados a espera de voluntários, eles não terão que planejar e sim executar obras já planejadas. Um novo esquema de gerenciamento do tempo se impõe criando mais espaço para o estudo e reflexão, há um amadurecimento maior e um fortalecimento do caráter educativo do programa.

O aprendizado da língua é uma condição incontornável com a imersão na comunidade que fala, em geral, uma língua que não é nem a dos brasileiros nem a da maioria dos canadenses, já que a Jeunesse Canadá Monde procura colocar em províncias de língua francesa os de origem inglesa e vice-versa. Para o participante que quer fazer uma imersão na língua esta passa a ser uma grande oportunidade já que na família e no trabalho só se fala a língua da comunidade. Mesmo famílias bilíngües fazem questão de falar somente a língua do intercâmbio, no caso das comunidades francófonas torna-se uma oportunidade única de prática do francês, já que aqui não temos muitas oportunidades de praticar esta língua. A convivência diária com outra língua e com outra cultura faz com que o participante se obrigue a entender como a diversida-

de cultural funciona, e ao mesmo tempo o obriga a relativizar suas certezas e se tornar mais humilde e receptivo com relação ao mundo.

A atuação na comunidade se dá dentro de organismos que já atuam na comunidade de forma organizada e tem no voluntariado uma forma de acrescentar mão de obra para dar continuidade a suas ações. Neste aspecto a dimensão pedagógica do programa para o participante brasileiro vai se direcionar no sentido dele aprender como atuam os órgãos sociais e comunitários quais os problemas que enfrentam, de onde vem os recursos e como resolvem os problemas encontrados. Nesta segunda fase ele já começa a fazer comparações de como atuam os órgãos sociais e comunitários em função do desenvolvimento da comunidade e começa a ver possibilidades de aplicação de seus aprendizados na sua própria comunidade.

Como a sociedade canadense é mais estruturada, mesmo os problemas sociais são organizados. Existem órgãos especializados em quase tudo, estes organismos (sociedades, empresas de economia solidária, ONGs entre outros) são os que oferecem vagas para os participantes desenvolverem seus projetos de trabalho voluntário. Estes órgãos funcionam, na maioria das vezes, como empresas, o que para os brasileiros é um bom exemplo de como se podem resolver problemas sociais de forma organizada sem apelar todo o tempo para soluções das autoridades ou do governo. O governo aplica dinheiro nestes organismos que dão seu retorno a sociedade ajudando a resolver problemas sociais e mostrando resultados compatíveis com o dinheiro investido, isto é o mais importante, mostrar resultados, e ser honesto na gerência do dinheiro público.

No aspecto educativo a segunda etapa se volta muito mais para a reflexão e para a solução dos problemas propostos no projeto de estudos orientado pelo portfólio. Os participantes agora vivem na sua terceira comunidade, já conhecem a sua comunidade de origem, a primeira comunidade de acolhida e agora podem come-



**Rondonistas brasileiros expõe os trabalhos de seu projeto no CEGEP Regional de Lanaudière, em Joliette-QC, em 2007.**

çar a fazer comparações, relacionar semelhanças e diferenças, ver os problemas comuns, as soluções que cada comunidade dá aos seus problemas e aproveitar experiências para propor soluções.

Esta etapa é definitiva para amadurecer a reflexão, o desenvolvimento do projeto de estudos, em especial com os brasileiros do Projeto Rondon tem um valor adicional para a Jeunesse Canadá Monde, por ser um programa educativo, cada participante ao entregar seu portfólio completo e obter uma aprovação, de seu projeto de estudos, soma pontos junto aos órgãos financiadores, em especial o governo canadense que financia, em grande parte, o programa.

Nesta fase os trabalhos (nos projetos de trabalho) demandam menor tempo de planejamento isto dá aos participantes mais tempo para seus projetos pessoais de estudo e preparação das jornadas educativas. As jornadas educativas ganham com isso um cunho mais acadêmico e profundo e também mais formal, apesar do programa ser de educação não formal.

Podemos dizer que a etapa brasileira se caracteriza como um período de ação comunitária e a canadense como um período de reflexão e amadurecimento sobre a ação comunitária e seus

efeitos sobre o desenvolvimento comunitário e pessoal de cada um. Nesta etapa o participante tem a oportunidade de comparar os problemas sociais dos dois municípios, pensar sobre as soluções encontradas e avaliar a atuação do poder público e dos organismos sociais e não governamentais no desenvolvimento da comunidade. Os efeitos desta etapa sobre a comunidade, apesar de serem significativos deixam a primazia aos efeitos educativos que se produzem sobre o participante, este passa a compreender melhor seu papel na sociedade, a compreender o papel do poder público e da sociedade civil organizada na solução dos problemas sociais, enfim, a compreender como sua atuação local interfere no mundo globalizado. Por isso podemos dizer que nesta etapa o participante descobre a sua função e seu papel como “cidadão do mundo”.

## COM A PALAVRA OS EX-PARTICIPANTES

### Carmem Regina Giongo

Participante Feevale 2006

Como explicar em palavras o processo de assimilação através da experiência, que nos torna melhores, que desenvolve em nós habilidades e que, principalmente, é capaz de transformar o ângulo pelo qual enxergamos o mundo a nossa volta...

Como mensurar, ou quantificar aprendizagens subjetivas, resultados que poderemos observar apenas com o passar do tempo, com o passar de anos. Décadas talvez...

Ao longo dos seis meses em que estive atuando no projeto, me questionei se seria possível ser avaliada no quesito aprendizagem, se poderia incluir no portfólio cada pedacinho da minha experiência e da bagagem que levo comigo.

Estive me questionando sobre o que contaria para as pessoas, sobre como explicaria esse processo. E me dei conta de que tudo isso é muito maior que palavras, ou portfólios, ou histórias, ou fotos, ou que arquivos possam explicar, comprovar, mensurar... Porque tudo isso é vida, sentimento, desenvolvimento psíquico, físico, social, etc., e nem eu mesma tenho a dimensão do quanto estou modificada ou afetada pelo meu próprio desenvolvimento.

Trabalho em grupo, desenvolvimento comunitário, comunicação intercultural, projetos de trabalho, cultura e língua. Todas as habilidades de desenvolvimento das quais o portfólio se propõe a avaliar são muito maiores do que a experiência em si proporciona.

Então, se devo expor aqui o que sou hoje e em quais aspectos me sinto envolvida, me sentirei frustrada, porque a experiência se tornou tão grande e fantástica que foge do meu alcance encontrar ferramentas físicas para expor o que eu sentia fazendo

parte de uma família totalmente diferente, que se tornou minha própria família.

O que sentia na relação entre homólogos, o que aprendi nas noites em que trabalhei com usuários de droga implorando por ajuda, por carinho, por afeto, por cocaína...

Não posso comprovar por fotos o quanto me modificaram as reflexões nos dias educativos, o quanto me desenvolvi ajudando pacientes a ter um pouco mais de alegria, enquanto esperavam a morte em um quarto vazio e frio. Não posso mensurar o que aprendi com cada participante do projeto, que, no início, eram apenas desconhecidos com objetivos em comum, e hoje são parte de mim, partes que se misturam e se confundem.

O que tenho aqui são apenas tentativas (talvez inúteis) de expressar uma pequena parte do ser humano que me tornei, das pessoas que conheci, dos projetos que desenvolvi, dos afetos, das frustrações, do exato momento em que não sabia mais quem eu era.

Registro em cada capítulo alguns diários de campo, rasurados, sujos e cortados, como a vida de muitos dos indivíduos que trabalhei, como o futuro daqueles que precisavam se drogar para encontrar a paz, se prostituir para encontrar o prazer, enlouquecer para continuar vivendo...

Registro aqui alguns projetos, algumas fotos, algumas ações comunitárias... que não contribuíram apenas para as transformações políticas ou sociais, mas que contribuíram principalmente para a criação de novas expectativas, novas possibilidades de crescimentos e desenvolvimento.

Registro aqui, um pouco de mim, um pouco de que era, do que sou, do que serei... Registro aqui, minha possibilidade de transformar, de modificar, de transmitir e adquirir aprendizado. Meu desejo e minha obrigação como cidadã de construir as ferramentas necessárias para as mudanças necessárias.

Eu sou responsável pelas minhas mudanças e pela mudança do ambiente ao meu redor, e, parte de mim continuar fazen-

do diferença, seja por plantar uma pequena idéia de inovação ou seja pela construção da própria inovação.

Finalizo o projeto triste porque todos os finais são tristes... mas feliz por ter a certeza de que fiz a diferença e de que fui afetada pelo diferente também. E isso é o que chamo de aprendizado: estar aberta para o novo, assim como o novo se abre para você, o resultado disso sempre será a transformação, desenvolvimento.

## **Consuelo McAlister**

**Participante Canadense da Unisinos 2004.**

A Jeunesse Canadá Monde e o Projeto Rondon me proporcionaram a oportunidade de extrapolar minhas fronteiras. Tive a chance de viver algo inteiramente novo, além do que eu podia pedir ou esperar em minha graduação do nível secundário.

Eu tive muita sorte em poder ir ao Brasil e conhecer pessoas extremamente receptivas, que desde o início fizeram com que eu me sentisse em casa. Roberta minha querida homóloga brasileira, logo se tornou uma irmã. E a sua família, minha segunda família. Roberta e eu passávamos as semanas na família Finger, uma família encantadora de um pequeno vilarejo no interior (Salvador do Sul). Eles dividiram seus costumes e cultura através de sua culinária e de conversas descontraídas.

O trabalho que fiz no Brasil mudou minha vida. A simplicidade e a alegria das crianças com quem trabalhei praticamente “partiu meu coração”. Eu e meus homólogos de trabalho planejamos atividades extracurriculares para crianças pobres que moravam em casas populares concedidas pela prefeitura, no subúrbio de Salvador do Sul. Nós planejamos e organizamos aulas de danças gaúchas (dança típica do Rio Grande do Sul), aulas de pintura, de desenho, jogos e horas de conto. As tardes de trabalho sempre terminavam em futebol!!! Eu tive que me acostumar a levar um “olé” de crianças de dez anos o tempo todo. As crianças sempre se entusiasmavam com as atividades e demonstravam sua inteligência e habilidade durante as mesmas.

Nosso objetivo principal em relação às crianças, era o de criar um relacionamento de amizade entre elas e uma consciência comunitária do ambiente em que viviam. Como exemplos de atividades tivemos: o plantio de árvores e o recolhimento de lixo. As crianças passaram a dar mais importância às árvores e impressionaram-se com a quantidade de lixo que foi recolhido no chão. As crianças me ensinaram o segredo da felicidade... Ame sua família, ame seus amigos, ajude os outros, ouse ao sonhar, e faça uso do seu potencial.

Os Dupont compunham a família que abriu suas portas para mim e para Roberta na cidade de Lachute, em Québec. Eu me diverti muito com nossas pedaladas diárias em uma montanhosa e movimentada estrada que me levava ao “Carrefour des Femmes”. Uma experiência inteiramente sensacional, em que eu e minhas homólogas de trabalho ajudamos na organização e na confecção do material para a Marcha Internacional de Mulheres de 2004. A organização “Carrefour des Femmes” é um abrigo de mulheres que oferece cursos, orientação e atividades de artes plásticas. Esta organização oferece um grande suporte para o bem-estar das mulheres e/ou também auxilia nos casos em que elas são atingidas pela violência. Eu aprendi muito através da perspectiva destas mulheres, a qual era muito diferente da minha. Na parte da tarde eu desenvolvia um projeto em um asilo, no qual eu tinha um papel de coordenadora de atividades especiais junto à minha homóloga Rachel. Nossa atividade mais especial foi uma tarde cultural brasileira. Neste evento tivemos uma apresentação de Power Point sobre o Brasil, um pouco de sua história, cultura e culinária. Os residentes adoraram o evento.

Esta vivência é inesquecível, e me proporcionou um grande crescimento. Não há nada o que equivalha há um aprendizado intercultural. As amizades que fiz durarão para sempre e os lugares que conheci estarão para sempre em minhas lembranças.

**Viva a Junesse Canadá Monde e o Projeto Rondon!**

## **Luciana Jeckel**

**Participante da PUC-RS de 2006**

A cidade de Camaquã foi nossa primeira comunidade de acolhida e particularmente, gostei muito. Localizada a apenas 106,6 km de Porto Alegre, a cidade possui 60.383 habitantes de acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2000.

Antes de participar desse programa e de ganhar uma outra família, nunca tinha ouvido falar sobre a cidade e muito menos a visitado. Hoje conheço a cidade de “cabo a rabo” de tanto caminhar para visitar os meus colegas nas suas famílias de acolhida, ou por causa das atividades comunitárias que promovemos.

Antes de ir morar em Camaquã, nunca havia morado em uma cidade pequena. No começo pensei que não me adaptaria, mas hoje vejo que não teria me adaptado melhor do que como foi nessa cidade tão hospitaleira.

Quando comecei a trabalhar me dei conta de que a cidade precisava muito de ajuda e como a nossa ida tinha sido importante. As pessoas nos respeitavam muito e admiravam os trabalhos realizados pelo grupo. Não tinha ninguém na cidade que não soubesse da nossa estadia de três meses naquela comunidade o que nos tornava à vontade.

O convívio na cidade foi razoavelmente proveitoso e guardaremos na nossa lembrança para sempre! Morar três meses é muita coisa e nunca esqueceremos de uma comunidade que nos acolheu com tanta hospitalidade, como foi com a cidade de Camaquã.

Nervosismo à flor da pele, chegando numa cidade desconhecida, longe da minha casa, dos pais, do quarto... Milhões de coisas me passavam pela cabeça naqueles minutos intermináveis no salão da Secretaria Municipal de Educação no dia 14 de julho. Era o dia em que todos encontrariam as suas famílias de acolhida.

(...)

Depoimento da família de acolhida

A certeza que ficou em nossa família, e que fizéssemos o

possível para que elas não sentissem tanto a falta de seus familiares, elas participaram de tudo e fizeram parte sem sombra de dúvidas de nossa família naqueles meses, eram mais duas filhas que “adotamos”, já fazem parte de nossa história e nunca vamos esquecer.

O sentimento que sentimos quando elas foram embora, foi muito estranho. Muitas vezes elas iam comigo quando ia pro trabalho de manhã, e eu deixava-as na prefeitura, muitas vezes me peguei indo pra aquele lado, sem precisão, e o sentimento é que eu havia esquecido elas.

Dias depois, eu as enxergava no centro da cidade, tanto a Pilar, a Lucy, a Carol, o Andersonn, a Laura, o Marcelo, o Olivier... Quase todos... e isso se estendeu por vários dias, e não foi só eu que senti não, conversando com outras “mães” elas também “enxergavam” eles.

Esperamos que também tenhamos deixado alguma coisa de bom pra elas, mas com certeza elas fizeram amigos verdadeiros que nunca mais irão esquecê-las. E assim como desejamos que um filho consiga vencer e ser feliz, também desejamos do fundo do coração que a Lucy e a Pilar consigam realizar todos os seus sonhos, que sejam muito felizes e que saibam que estaremos aqui, torcendo sempre por elas. (Rosilene Farias – mãe de acolhida, 2007)

#### Projeto de trabalho

Quando a Rosane numa de nossas primeiras reuniões para organizar a viagem perguntou: “Um dos locais de trabalho é numa creche. Alguém está interessado?” Logo ergui a mão e olhei ao meu redor para ver se algum dos meus colegas de programa também havia se pronunciado.

Felizmente não precisei concorrer com ninguém, e logo fiquei responsável por trabalhar no projeto e entrar em contato com o Centro Comunitário Bom Sucesso. Estava bem feliz em poder fazer um trabalho voluntário em um local com crianças, já que sempre me dei bem com os menores e adoro atividades como brincadeiras.

Entrei em contato com a Marilda, minha supervisora de trabalho, para em seguida começar a criar atividades e projetos a serem aplicados no Centro. Imaginava muitas coisas a respeito do local, das crianças, de como eu faria para chegar ao trabalho e se eu teria a sorte de morar numa família com uma casa bem perto do Centro Comunitário.

O Centro Comunitário Bom Sucesso é de responsabilidade da Secretaria de Ação Social do Município de Camaquã, e abriga crianças carentes para passarem o turno oposto da escola para que não fiquem nas ruas. São oferecidas pelo Centro Comunitário, professoras para ajudar nos temas de casa, aulas de desenho, aulas de dança, recreação, aulas de artes e almoços e lanches da tarde. As crianças não pagam nada, mas devem ter um bom comportamento e presença freqüente.

A nossa jornada de trabalho iniciava às 9h da manhã e acabava no final do dia às 17h. Na parte da manhã eram as crianças menores, entre seis e 10 anos, que estudavam no colégio no turno da tarde. Elas almoçavam ali e depois se encaminhavam sozinhas ou com a ajuda de irmãos mais velhos para as suas escolas. Essas crianças eram muito curiosas em relação ao meu homólogo de trabalho, o Alan. Não conseguiam entender como é que ele não sabia falar a língua que eles nasceram falando.

Era bastante recompensador acordar todas as manhãs, seja de muito frio ou de muita chuva, caminhar 15 minutos até chegar ao Centro Comunitário e receber abraços e beijos de todas as crianças! Elas vinham que nem um furacão, correndo até a porta só para dar um beijo em mim e um aperto de mão no Alan. O dia já começava assim, bem agitado.

O Centro Comunitário é composto por sete professoras e cinco funcionárias da cozinha. A professora Andréia, com a qual a gente mais conversava, fazia curso de inglês à noite, o que ajudou bastante a integração do Alan com as crianças e com as outras professoras. Como a curiosidade das crianças era grande, a professora Andréia já havia começado a dar algumas aulinhas do bási-

co da língua inglesa. Utilizando essa idéia e juntando com o fato de termos o Alan, nós dois criamos em alguns dias da semana, a aula de inglês.

Além dessas atividades organizadas por nós ou presentes no cronograma do Centro, havia na cidade de Camaquã, atividades comunitárias e também desfiles dos dias comemorativos. Nos meses em que estávamos trabalhando pela cidade, participamos junto com o Centro Comunitário Bom Sucesso, do desfile do dia sete de Setembro. Desfilamos por toda a avenida principal da cidade junto com as crianças. Foi muito gratificante fazer parte dessa grande organização e sentir-se útil numa cidade que nos acolheu tão bem e que estava nos proporcionando tantas experiências únicas.

Apreendi muita coisa com as crianças e também com as professoras e funcionárias desta organização. Adorei ter trabalhado nessa área e com certeza faria de novo. Foi muito triste no último dia de trabalho quando tivemos que nos despedir de todos, pois ficamos marcados nos nossos corações de um modo indescritível. As ações puras e simples das crianças nos fizeram enxergar que a vida pode ser melhor e de que nunca devemos parar de sorrir e de ser feliz.

Prometi às crianças que voltaria ao Centro depois da minha viagem, e com certeza não vou deixar de cumprir. Logo que for possível, espero poder reencontrar todas essas pequenas pessoas que fizeram uma grande mudança em mim e que me ajudaram a enxergar a vida com outros olhos.

O Centro Comunitário Bom Sucesso se localiza na periferia da cidade, onde a maioria da população é pobre, e essa era a realidade que não fazia parte da vida cotidiana do meu homólogo. Eu podia ver todos os dias um pouco de espanto na cara dele em algumas situações que ocorriam na rua, seja meninos brincando com esgotos, com parafusos, segurando coisas pontiagudas, crianças sujas e mal cheirosas, sem sapato nem camiseta, etc. Aos poucos, sabendo da história de cada criança que passava o dia conosco, desenvolvíamos um carinho muito grande e o modo de ver a situa-

ção mudava.

As crianças enlouqueceram quando ficaram sabendo que o Alan não falava a língua deles, o que eles achavam incrível alguém não falar português. Ficavam em volta do Alan o dia inteiro. Enchiam-no de perguntas e mais perguntas, e lá ia eu fazer a minha tradução para cada pergunta curiosa das crianças. O Alan abria um “olhão” vendo aquelas crianças que batiam no máximo na coxa dele agarradas em suas pernas. Às vezes ele olhava pra mim com uma cara de “pedido de socorro”. Era muito legal vê-lo naquela situação, onde todos sem motivo aparente o amavam.

#### Depoimento do Alan

“Trabalhar com a Lucy no Brasil foi uma experiência muito interessante. Eu nunca estive numa situação antes, onde eu não podia entender nada do que estava sendo dito. Isso significa que a Lucy teve que traduzir tudo para mim, e ela fez isso admiravelmente. Durante este tempo, eu fui aprendendo mais e mais português, enquanto a Lucy foi aperfeiçoando o seu inglês. Através da Lucy e do Centro Comunitário Bom Sucesso, também aprendi muito a respeito da cultura brasileira, cultura gaúcha e até mesmo a própria cultura japonesa da Lucy. A Lucy, além disso, trabalhou muito bem com as crianças, que sendo tão barulhentas como elas foram, sempre deram à Lucy o respeito que ela merecia seja jogando a dança das cadeiras ou dançando.”

#### Trabalho no Canadá

A Victorian Order of Nurses (Ordem das Enfermeiras Vitorianas), mais conhecida como VON, é uma organização sem fins lucrativos, voltada à saúde de pessoas com necessidades especiais, oferecendo à comunidade soluções de cuidados 24 horas por dia, sete dias por semana. Fundada em 1897, trabalha em 1.3000 comunidades através das dez províncias canadenses e já contou com 16.000 empregados e voluntários.

Eu estava muito nervosa para o primeiro dia. Não sabia se cumpriria bem as minhas atividades, e o pior, se eu entenderia o que fosse falado. Quando cheguei a Jen já estava com a nossa

supervisora de trabalho conversando sobre a instituição. Apresentou-nos as atividades e como funcionava o VON, e também perguntou sobre as nossas expectativas em relação a esse local de trabalho.

A nossa rotina era todo dia a mesma. Chegávamos às 9h junto com os clientes, sentávamos eles às mesas, e logo devíamos servir-lhes o seu chá ou café e uma fatia de torrada. O cardápio mudava conforme o cliente, então havia uma lista pendurada na geladeira para nos auxiliar, já que havia alguns diabéticos ou quem nem mesmo gostavam de chá, só suco.

Foi muito especial para mim ter tido a oportunidade de trabalhar nesse lugar. Confesso que no começo estava bastante receosa, por causa das especialidades que cada cliente apresentava, e também porque nunca havia trabalhado com esse tipo de pessoa. O retorno que recebi trabalhando nessa instituição, não tem como descrever. Infelizmente não pelos funcionários que ali trabalhavam, mas pelo carinho que cada cliente tinha comigo, mesmo nem entendendo o que eu fazia ali, por que não falava inglês direito e de onde eu vinha.

Nenhuma de nós havia trabalhado alguma vez com pessoas com necessidades especiais. A Jennifer tinha trabalhado no Brasil com o Marcelo no asilo de Camaquã, mas desta vez as atenções deveriam ser redobradas.

Ter a Jennifer como Homóloga de Trabalho foi muito importante e significou bastante para mim nesses últimos meses do programa. O nosso local de trabalho não era o mais fácil, e se duvidar era um dos locais de trabalho mais difíceis por consumir muito desgaste psicológico.

A experiência que foi proporcionada a mim pelo Projeto Rondon e Canada World Youth foi e é de muito valor para mim agora. Levarei para toda a vida e esses amigos que deixei no VON morarão sempre no meu coração, fazendo parte a partir de agora, da minha história.

## **Wecsley Fey**

Participante da Faccat de 2006

### **PROJETO NO BRASIL**

Vejo que falar sobre os projetos de trabalho dentro do Projeto Rondon é algo extremamente necessário, e nós participantes temos o dever de testemunhar como uma experiência como esta transforma nossas vidas e muda a visão e percepção das coisas simples até as mais complexas de nossa sociedade.

Trabalhar voluntariamente era uma experiência que já conhecia, trabalhei em diversos organismos no Brasil, como creches, escolas, acampamentos e grupos de jovens. Eu imaginava que ingressar no Projeto Rondon seria uma experiência diferente para mim. Eu estava certo. Em meus projetos de trabalho, representei muito mais do que eu mesmo; Representei minha cidade, meu estado e meu país. Representei minha universidade e acima de tudo, representei a minha geração, que ao contrário do que muitos falam, não está completamente acomodada, ainda existem jovens com a vontade de mudar as coisas, de lutar por um mundo melhor.

No Brasil, trabalhei no Hospital de Caridade de São Francisco de Paula, lá desenvolvi a tarefa de construir um inventário dos bens permanentes do hospital, pois até aquela data, o hospital não continha nenhum controle sobre seus bens. Meu objetivo era cadastrar em um sistema de inventário todos os bens permanentes, como móveis, equipamentos e utensílios. Eu e meu homólogo de trabalho (Adam Dickinson - Toronto/Canadá) tínhamos menos de três meses para registrar cerca de 1.500 itens do hospital.

Quando me falaram qual seria nossa tarefa no hospital fiquei pasmo. Não tinha a visão de que fazer um inventário seria realmente um trabalho interessante e de grande ajuda. Na minha lista de “trabalhos voluntários reais” um inventário não existia. Mas este era meu dever, então começamos com nosso projeto.

Levamos uma semana para planejar como trabalharíamos. Tivemos a ajuda do nosso supervisor de trabalho, o senhor Pedro Maranhão, um homem sábio e de grande importância para o Proje-

to Rondon (um dos fundadores). Hoje posso dizer que aprendi muito com ele, apesar de termos nos batido de frente em alguns pontos, hoje posso dizer que isso me ajudou a amadurecer. Mas, isto faz parte de qualquer projeto.

Nosso material de trabalho eram fichas de papel, onde anotávamos a descrição dos itens e um computador onde digitávamos estas mesmas fichas em um banco de dados. Começamos com nossa tarefa, tudo estava indo muito bem, mas eu ainda não estava contente com meu trabalho. Construir inventário não satisfazia minha vontade de ajudar a comunidade de São Francisco de Paula. Este sentimento mudou, e vou contar o porque.

Em uma manhã comum, decidi ir falar com o diretor do Hospital para saber se existia mais alguma necessidade em que eu poderia ser útil (eu estava achando inútil meu trabalho). O diretor me recebeu muito bem e começou a me falar sobre a importância do que estávamos fazendo no hospital... Eu quase não podia acreditar nas coisas de que ele me falava. Disse a mim que para fazer o inventário de uma forma não voluntária, gastariam muito dinheiro e tempo com os funcionários, voltariam à atenção para os objetos do hospital e não para com os pacientes. O diretor me agradeceu muito pelo nosso trabalho e disse que o hospital estava muito contente com nossa ajuda.

Aquela conversa foi uma “lavada de alma” para mim. Continuamos com nosso trabalho e o finalizamos algumas semanas antes de acabar nosso projeto no Brasil.

Nas semanas restantes, ajudamos a organizar a festa anual do hospital. Concertamos barraquinhas, limpamos materiais, recolhemos brindes e ajudamos na divulgação. A festa ocorreu quando eu já estava no Canadá, fiquei sabendo que foi um sucesso.

Aprendi muitas coisas neste projeto de trabalho, aprendi como funciona toda a estrutura e organização de um hospital. Tenho certeza que minha maior aprendizagem lá dentro foi a de reconhecer que qualquer tipo de trabalho voluntário é extremamente importante para o organismo beneficiado. Não podemos classificar

um trabalho voluntário como sendo melhor do que o outro. Todos são importantes e edificantes para os dois lados.

Creio que nosso trabalho no hospital contribuiu para uma melhor organização da instituição. Com isso, posso dizer que este trabalho atingiu a toda cidade, pois quase todos habitantes utilizam ou já utilizaram os serviços do hospital. Pois é, o que no começo eu pensava que seria nada, no final pude ver que foi tudo.

### **PROJETO NO CANADÁ**

No Canadá, estava com a visão mais aberta em relação aos projetos de trabalho. Estava disposto a ajudar a comunidade canadense com o que fosse necessário. Adquiri esta visão graças ao meu aprendizado no meu projeto de trabalho brasileiro.

Meu projeto no Canadá foi no organismo Le Coffret na cidade de Saint-Jéromê-Quebec. Le Coffret é um organismo não governamental que presta assistência aos novos imigrantes que chegam na cidade, fazendo a instalação dos mesmos, ensinando costumes canadenses, a língua francesa e ajudando os imigrantes a se integrarem na cultura quebequense.

Meu trabalho era de estar à disposição no que fosse necessário. Desenvolvi diversas e diversas tarefas, como pintura de portas, limpeza, organização de festas, desenvolvimento de convites e soluções dentro da informática, lavagem de louça, apresentação e organização de uma exposição fotográfica...

Creio que nosso trabalho no “Le Coffret” atingiu diversas famílias de imigrantes da cidade. Obtivemos contato com vários imigrantes e conhecemos suas histórias. Acho que eu ganhei muito mais do que dei neste trabalho. Poder ouvir as histórias de vitória de alguns imigrantes foi algo realmente encorajador para minha vida. Aprendi como funciona o processo de imigração canadense. Aprendi como funciona cada passo de um novo imigrante no Canadá. Foi algo que me acrescentou muito.

Uma experiência extraordinária para mim foi observar como minha supervisora de trabalho Chantal Mougnot, trabalha com os imigrantes. Vi nela alguém que realmente se importa com o próxi-

mo e que trabalha de uma forma surpreendente. Chantal também é imigrante no Canadá, sua origem é francesa. Conheci na minha vida poucas pessoas que tem um coração igual ao dela. Trabalhar no Le Coffret abriu totalmente minha visão de imigração, agora tenho os olhos abertos para as necessidades que um imigrante enfrenta em seu novo país.

Aprendi muito mesmo, como já disse, ganhei mais do que doei. Nós éramos muito vistos no Le Coffret, todo mundo que freqüentava o organismo nos perguntava quem éramos e o que fazíamos ali. Creio que mostramos para diversos tipos de pessoas como se trabalhava voluntariamente.

Sem dúvida nenhuma posso afirmar que os projetos de trabalho são a metade do Projeto Rondon. Viver com um canadense durante seis meses em famílias de acolhida, outra metade. A convivência com o grupo, as jornadas educativas, as viagens, os dias de reflexão, o estudo do portfólio e tudo o mais são lucro.

**O mais interessante é que você não trabalha de graça em um projeto voluntário, o aprendizado e crescimento que você ganha, valem mais do que qualquer quantia no mundo.**

Digo com todas as letras que o Projeto Rondon mudou e está mudando minha forma de enxergar a construção da minha vida e a construção de um mundo melhor para se viver.

Passei por processos de integração cultural, de aprendizagem de línguas e de quebra de diversos tipos de preconceitos. Trabalhamos como voluntários para melhorar nossas próprias vidas e mostrar ao mundo, que parte desta geração tem o desejo de lutar por dias melhores. Fiz muitos amigos, conheci outros tipos de pessoas e de sociedades.

Aprendi o valor de coisas que antes via como inúteis. Hoje vejo estas mesmas coisas como peças essenciais para a construção de meu caráter. A partir deste projeto, aprendi a como escolher meu estilo de vida. Aprendi a abrir meus olhos. Enxerguei o lado oposto do que o mundo está ditando.

Digo mais, existem milhares de provas reais espalhadas

pelo Brasil e pelo mundo, como meu supervisor de trabalho em São Chico. Pessoas que tiveram o Projeto Rondon como parte de seu processo de construção de caráter e de escolha de estilo de vida. Essas pessoas são parte do povo que luta por dignidade e verdade no mundo. São pessoas que tiveram seu processo de escolha de vida completo, pois conhecem o outro lado da moeda. É disto que nossa geração (e as próximas) precisam, enxergar o outro lado da moeda, enxergar o lado que não se aprende em novelas, que não se encontra disponível na televisão, que faz parte do mundo dos outros os excluídos.

## **Outros depoimentos**

### **Letícia Bortoluzzi**

**Participante da PUC-RS, 2002**

Meu projeto de trabalho na primeira fase foi realizado num centro para pessoas deficientes. Minha homóloga de trabalho era a Amy Gilbert, que foi fundamental para realizar um bom trabalho, pois no início ela me ajudava na tradução das informações importantes dadas pela supervisora.

As traduções nos aproximaram muito e criou-se uma harmonia que a utilizamos no nosso trabalho no centro com os clientes. Nossa função era auxiliar nas atividades, além disso, gostávamos de interagir nas “brincadeiras” e conversar com as pessoas (eu na medida do possível).

Apreendi pelo olhar, sorriso, abraços e elogios que recebemos daquelas pessoas o quanto ficavam felizes por saber que estávamos ali somente para elas. Só o fato de estarmos presentes e passarmos um pouco de carinho era a forma mais simples de fazê-las felizes.

## **Felipe Sperb**

**Participante da PUC-RS, 2002.**

Na fase brasileira foi tudo muito bom. Trabalhei no Projeto Sentinela, o qual consiste em atender menores de sete aos 17 anos que sofreram abuso sexual ou maus tratos. Edward e eu ministrávamos aulas de inglês e francês para as meninas que freqüentavam o programa.

Foi uma experiência incrível, pois pude conhecer a triste realidade dessas crianças que perderam suas perspectivas em relação à família e com as aulas pude levantar um pouco suas auto-estimas para que se conscientizem de que na vida tudo é possível, pois ninguém poderia prever que um dia alguém poderia dar aulas de francês e inglês para crianças que sofrem este tipo de abuso. Além de entender tudo isso também tive minha primeira oportunidade de dar aulas, o que foi muito gratificante.

No Brasil meu homólogo de trabalho, o Edward, foi uma pessoa muito legal, pois trabalhamos num projeto que no início fazia nós pensarmos o que poderíamos fazer lá e, no entanto, realizamos um grande trabalho dando as aulas. Ele entendeu muito bem a realidade daquelas pessoas e a minha também e como já tínhamos uma certa afinidade que veio desde a semana do campo de orientação em Val-David, tivemos um bom relacionamento, tanto que desenvolvemos idéias dentro do nosso próprio projeto de trabalho para as crianças. Conversávamos a respeito de tudo e tínhamos uma bela relação. Como ele foi um dos canadenses que mais rápido começou a falar o português, não tive muita necessidade para ajudá-lo, pois ele se deu muito bem no Brasil.

## **Matheus Cavalheiro Martini**

**Participante da PUC-RS, 2002.**

No Brasil, trabalhei na Secretaria de Saúde, no Programa Criança de Risco. O público alvo deste Programa são crianças subnutridas, mães nutrizes consideradas de risco e crianças soropositivas. Trabalhávamos diretamente com o público, o que

exigia muito o português da canadense, e eu a ajudava muito. Enfrentamos dificuldades ao longo do Programa em nosso trabalho, mas com persistência vencemos e fomos reconhecidos pelo nosso esforço. Realizamos projetos para o melhoramento do programa, como por exemplo, a nova decoração das dependências do consultório médico e a recreação diferenciada, realizada durante o dia das crianças. Neste trabalho Isabelle percebeu as grandes diferenças entre o Canadá e o Brasil em relação ao governo e ao sistema. Diferenças que nos fazem crescer e valorizar as novas experiências.

Minha homóloga de trabalho era a canadense Isabelle. Trabalhamos muito e tivemos um ótimo relacionamento, pois dependíamos um do outro para atender as exigências estipuladas. Isabelle é uma pessoa calma e me ajudava a desenvolver a paciência.

### **Douglas Fetter**

**Participante da Unisc, 2006.**

“Esse intercâmbio tem proporcionado uma oportunidade única para todos os participantes do projeto. Momentos antes de chegar aqui no Canadá, a ansiedade começou a tomar conta, pois particularmente tinha muito medo de deixar todas as pessoas que amo no Brasil, como meus amigos e, em especial, a minha família. Com o passar do tempo, e o convívio extraordinário com a família de acolhida aqui no Canadá, a ansiedade e o medo tomaram-se um sentimento único de alegria. Com certeza o impacto cultural é forte, bem como o modo de pensar e os atos afetivos. É tudo muito diferente em comparação ao Brasil. Mas, com força de vontade e, principalmente, com o grupo que está ao meu lado, as dificuldades de adaptação serão facilmente superadas.”

### **Luciano Pereira**

**Família de acolhida de Santa Cruz, 2006.**

“De julho a setembro de 2005 tive a oportunidade de fazer parte do Projeto Rondon/RS/Unisc, um intercâmbio de estudantes

brasileiros e canadenses promovido por intermédio do convênio firmado entre a Unisc e mais duas instituições gaúchas com a Organização Não Governamental (ONG) Jeunesse Canada Monde. Participamos como uma das famílias hospedeiras das duplas homólogas de moradia, formadas por um brasileiro e um canadense do mesmo sexo. E posso garantir: não há melhor experiência, tanto cultural como pessoal. Nossas hóspedes chegaram de mansinho, quietinhas, como quem não queria nada. Aos poucos foram se integrando à família e logo, já faziam parte dela. Sem dúvida foi um dos melhores períodos de nossas vidas e, aos poucos, o medo pela hora da partida foi tomando conta de nós. O aprendizado é enorme, seja pelo novo idioma, seja pelo intercâmbio cultural. E quando se tem uma criança pré-adolescente em casa, como é o nosso caso, o ganho é ainda maior.”

### **Ideni D. Lima**

**Bolsista do Projeto Unisc na Comunidade - bairro Bom Jesus, acadêmica do curso de Serviço Social da Unisc**

A notícia da vinda do Projeto Rondon ao Projeto UNISC com a comunidade bairro Bom Jesus, foi recebida por nós bolsistas, e pela Coordenação do projeto como um reconhecimento de nosso trabalho e pelo muito que se somaria à comunidade o trabalho dos universitários.

Particularmente, acompanhei os rondonistas desde o primeiro instante, apresentei o projeto a eles e acompanhei nas primeiras visitas ao bairro.

A inserção dos universitários no local se fez de forma tranquila e cordial, pois a comunidade, mesmo diante do estigma de “bairro violento”, tem muitas pessoas com baixa auto-estima, as quais sentem-se rejeitadas pela sociedade que as discrimina. Em função disso, nosso maior intuito no projeto é mudar esse paradigma.

Nós, bolsistas, acompanhamos os trabalhos desenvolvidos pelos rondonistas nas diversas entidades onde participaram e nos encontrávamos nas quartas-feiras no “sopão”. Lá, podíamos, junto

à comunidade, reconhecer a inserção dos universitários na vida das pessoas, crianças e velhos, vencendo barreiras como a dificuldade da comunicação, visto que o francês na comunidade era desconhecido.

Os trabalhos foram originais, uma vez que os integrantes do Projeto Rondon tinham liberdade de realizar atividades de acordo com a entidade a qual estavam ligados, e isso contribuiu muito para que cada dupla, em cada entidade criasse os seus vínculos e deixasse nos corações um exemplo semeado, mesmo que em curto espaço de tempo, pois o trabalho comunitário é uma semeadura constante.

Hoje, o projeto Unisc com a Comunidade/Bairro Bom Jesus soma mais essa experiência que, com certeza, contribuiu para o crescimento dos universitários, dos bolsistas, e de ambos os projetos, pois na comunidade as sementes que eles auxiliaram a plantar estão germinando. Além do aprendizado, deixou saudade nos corações daqueles que foram vistos e tratados como seres humanos, com carinho e respeito. Essa é a prática do Serviço Social e do trabalho comunitário: levar dignidade, cidadania, respeito e conhecimento para uma comunidade necessitada, e isso foi muito bem passado pelos universitários no tempo que estiveram no bairro Bom Jesus, e a comunidade agradecida já aguarda uma nova visita dos 'canadenses'.

### **Lúcia Helena Cardoso**

**Supervisora brasileira da Unisc, 2006.**

Minha ótica começou a mudar quando fui visitar o bairro Bom Jesus: senti a diferença cultural que existe em uma mesma cidade. Depois, com a chegada dos canadenses, essa percepção foi se acentuando ainda mais. A partir daí, comecei a vivenciar o real significado das palavras conceito, pré-conceito, relativização, julgamento e discriminação. Percebi que devemos aprender mais sobre elas para ter uma melhor qualidade de vida psicológica, se desprendendo de valores que nos distanciam da possibilidade de

aproveitar mais e melhor as relações humanas que nos são oferecidas. Além disso compreendi que precisamos desenvolver novas habilidades com relação à ... geografia, antropologia, sociologia, comunicação e, principalmente, idiomas.

Temos que nos preservar do espírito individualista, assim faremos mais e melhor no trabalho em equipe. Finalizando, este projeto mostrou que podemos ficar lado a lado com países de primeiro mundo e, ao mesmo tempo, resgatar o nosso passado com um presente que mostra nossa história, cultura e capacidade de estarmos abertos a novas oportunidades de intercâmbio.

### **Viviane Ribeiro Baseggio**

#### **Participante da Faccat 2006**

Nosso trabalho nos mesmas tivemos de criar, ou seja, não tinha algo determinado para nos fazermos. Então nós, que tínhamos um interesse especial pela Oficina de Mudas achamos que seria interessante levar as crianças e fazer atividades ecológicas lá, pois este é um local bem apropriado.

O meu trabalho e o de Sarah foi cuidar exclusivamente da elaboração, divulgação e execução deste projeto, e contamos com a ajuda de Márcia Masiero; que foi muito prestativa em todas as fases. Acredito que o maior objetivo deles (e nosso) foi mais direcionado a sensibilizar a comunidade, por meio das crianças, que são o futuro.

Com este projeto, os alunos, além de conhecerem a Oficina de Mudas, aprenderam como são dependentes do meio-ambiente, como podem preservá-lo; aprenderam também algumas práticas ecológicas e, principalmente, a importância de ter atitude positiva frente ao desenvolvimento sustentável.

Cerca de 400 crianças assistiram as apresentações e visitaram a Oficina de Mudas, mas o projeto foi tão bem acolhido pela Prefeitura e pela comunidade que a SMEC vai dar continuidade ao projeto, inclusive eles têm planos de contratar algum estudante da

UERGS de São Francisco de Paula para fazer o que eu e a Sarah fazíamos.

As crianças viram que fazendo pequenas coisas podem contribuir para a preservação do meio-ambiente. Quanto ao problema do lixo, e da importância de manter um ambiente saudável (visto que a cidade é rica em belezas naturais), espero que os habitantes tomem consciência, pois as crianças se demonstraram bem atentas e receptivas. Mas por enquanto quem tem poder decisório são os adultos.

Eu pessoalmente gostei de duas coisas: aprendi algumas práticas ambientais, criei uma proximidade com a natureza que eu não tinha antes e gostei. Também aprendi como funciona a parte administrativa de uma Prefeitura, e como funciona um projeto a nível municipal.

Outra coisa que me marcou foi a visita da Escola Especial Ângelo Athanasio, cujos alunos eram todo deficientes físicos ou mentais. Fiquei impressionada com a forma como eles interagem entre si, como se ajudam mutuamente, e como eles apesar de terem deficiências, sempre podem aprender e também ensinar uns aos outros.

### **Priscila Casagrande Pereira**

#### **Participante da Faccat de 2006**

Trabalhei em São Chico com Valerie St-Pierre, no PETI, que , um programa de erradicação do trabalho infantil, cujo objetivo, tirar as crianças do trabalho escravo e prestar-lhes assistência, no turno inverso da escola. Lá ensinamos inglês, francês, tiveram aulas de música e auxílio nas tarefas da escola, porque muitos deles tinham dificuldades de aprendizado, e também demos noções de higiene pessoal, que era e ainda , uma necessidade de São Chico que os moradores tenham acesso a esse tipo de informação, porque havia muitos problemas no PETI relacionados a isso. Fizemos reuniões com os pais para apresentar-lhes os problemas encontrados, e junto com eles encontrar uma saída, nós também fizemos

visitas as famílias. Conseguimos conscientizar mais os pais dos problemas que ocorrem lá, e a comunidade ficou mais ciente da realidade.

Acredito que o nosso trabalho atingiu toda comunidade, e não só as crianças que freqüentavam o PETI, por ser uma cidade pequena, onde todos se conhecem, a grande mídia é falar com o vizinho que transmite a notícia a toda cidade, às vezes com algum aumento, claro, mas isso, um aspecto de cidade pequena.

Percebi que há um grande problema no Rio Grande do Sul, e acho que é em todo o Brasil, a falta de organismos comunitários e trabalhadores voluntários, então quando isso acontece, a curiosidade das pessoas é muito grande para saber tudo e o porquê de estarmos fazendo algo desse gênero, então, é mais do que normal sermos taxados como sabedores da verdade, e exemplos para os jovens. Mas mesmo sendo normal não quer dizer que seja certo. Tivemos que tomar cuidado com nossas ações e acho que isso mudou a mentalidade e a maneira de pensar da comunidade de São Chico.

Projetos como este, de poder se integrar e viver numa comunidade diferente da nossa nos dá a oportunidade de perceber coisas que, às vezes nos passam batidas e nem percebemos. Aprendemos a observar mais e a ter responsabilidades que antes não imaginávamos que poderíamos ter. Percebemos o que realmente é importante, o que nos faz falta, nossas necessidades e qual, nosso papel. Nos dá a consciência dos problemas sociais de uma cidade, e se pararmos pra analisar, conseguimos encontrar a solução.

Quando chegamos num país desconhecido, com pessoas estranhas, observamos mais para poder se integrar, vemos que os problemas sociais na maioria das vezes são os mesmos, o que muda, a maneira da sociedade agir.

**Isso é um estágio pra vida, dinheiro nenhum, paga o aprendizado que tive aqui!**

## CONCLUINDO

Esta modalidade de projeto com estudantes de dois países e duração de três meses em cada comunidade nos possibilita a tirar algumas conclusões interessantes: a atuação na comunidade de médio prazo (três meses) produz efeitos a longo prazo, a presença de estrangeiros estimula as pessoas da comunidade e é importante canalizar bem este estímulo, para os participantes seis meses são um período de amadurecimento e experiência que equivale, em alguns casos, a anos de estudo formal e o desenvolvimento dos participantes como cidadãos é imensurável.

Ao atuar numa comunidade durante um período de três meses os participantes ao fazerem seu trabalho voluntário despertam as forças da comunidade, que muitas vezes a própria comunidade desconhece. Principalmente as comunidades pequenas no Brasil não estão preparadas para buscar soluções simples para seus problemas, por isso muitas vezes recorrem a soluções já testadas em outras cidades que podem não dar certo devido a fatores locais. Quando chegam pessoas de fora, com uma visão diferente, numa grande maioria dos casos, estes, ao se depararem com problemas tentam reagir dentro de paradigmas diferentes e numa grande maioria dos casos são capazes de apresentarem soluções novas e inovadoras. Assim projetos começados no intercâmbio têm grande chance de terem continuidade por longos anos.

A presença de estudantes estrangeiros entre crianças, jovens e adultos tem um efeito estimulador: entre as crianças a presença de canadenses no Brasil e brasileiros no Canadá é ótima para estimular o estudo de uma língua estrangeira, desperta a curiosidade ao estudo da geografia, história enfim desperta para o conhecimento de um mundo externo, auxilia na criação de uma visão ampla; entre os jovens estimula a possibilidade da aventura do conhecimento, desperta para novas possibilidades profissionais e de

trabalho, e principalmente no Brasil ajuda a criação de uma consciência de um mundo globalizado e ecologicamente interdependente; para os adultos o trabalho de canadenses que ainda não conhecem bem a língua é excelente para estimular a aprender nas classes de alfabetização de adultos, eles aprendem juntos, se desinibem e se encorajam com as dificuldades mútuas.

No campo do trabalho voluntário a vinda de gente de fora, serve de exemplo principalmente quando estes estudantes fazem este trabalho com alegria e testemunham o valor que ele tem para si próprios. Quando um rondonista testemunha que seu trabalho feito de forma voluntária é recompensado “mil vezes” pelo aprendizado que traz. Estimula as pessoas da comunidade a se doarem também, criando um ciclo de cooperação, de ajuda mútua e estimula os que não fazem trabalho voluntário e valoriza os que já fazem, tornando o trabalho voluntário visível e valorizado na comunidade.

Para os estudantes que vivem intensamente esta experiência de seis meses o retorno se dá ao longo de vários anos posteriores. Sair de casa, viver com um colega estrangeiro, viver em duas famílias diferentes, trabalhar em serviços sociais e de apoio à comunidade voluntariamente, descobrir outras comunidades, outras pessoas, estudar o desenvolvimento comunitário, comparar soluções de problemas, aprender uma ou duas línguas estrangeiras, estudar temas de seu interesse e apresentá-los aos colegas, liderar o grupo em atividades, conhecer outras culturas, outras formas de se relacionar com a natureza, assumir responsabilidades, sentir-se embaixador de seu país, do Projeto Rondon e de sua universidade, são algumas das emoções que povoam esta experiência e que ajudarão o participante a tornar-se um cidadão consciente, implicado na construção de um mundo mais justo e solidário como almejamos nos nossos objetivos. Todas estas experiências fazem deste projeto o início de uma longa mudança que se processará pelo resto de suas vidas, por isso vale a pena, vale o investimento tanto material como pessoal.

## BIBLIOGRAFIA

ACORSI, Aline. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Gramado-Buckingham, PUC-RS, 2004.

ALMEIDA, Flavia Vidor de. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Rouyn Nouranda – Osório, PUC-RS, 2001.

\_\_\_\_\_. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Val d'Or – Uruguaiana, PUC-RS, 2002.

APOITIA, Ana Lucia Vieira. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Rosário do Sul - Powel River, PUC-RS, 2003.

BRASIL, Gisele Andres. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Camaquã - Corner Brook, PUC-RS, 2006.

CARDOSO, Lucia Helena. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Santa Cruz - Saint Jérôme, UNISC, 2005.

MOTTA, Aricildes de Moraes. História Oral do Exercito, Biblioteca do Exercito, Rio de Janeiro, 2006

OLIVEIRA, Rosane Pacheco de. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Rosario do Sul – Lachute, PUC-RS, 2005.

PIOVESAN, Liceo. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Parobé - Coaticook, Faccat, 2004.

\_\_\_\_\_. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse

Canada Monde São Francisco de Paula - Saint Jérôme, Faccat, 2006.

\_\_\_\_\_. Relatório de Intercâmbio Cyberjeunes Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, São Leopoldo – Fredericton, Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Cyberjeunes Sherbrooke - São Leopoldo UNISINOS 2003 Mahawa Diouf

\_\_\_\_\_. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Santo Antônio da Patrulha – Windsor, Faccat, 2005.

RODRIGUES, Mauro Costa. A História do Projeto Rondon – <http://www.ufrgs.br/projetorondon>

SCHMITT, Claudia Lunkes. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Tramandaí - Stephenville, Feevale, 2006.

SPILLARI, Luis Pedro. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Cambara do Sul - Val d'Or, PUC-RS, 2000.

SPULDARO, Douglas Rauber, Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Santa Cruz – Terrebonne, UNISC, 2006.

UFRGS site do Projeto Rondon - RS, [www.ufrgs.br/projetorondon](http://www.ufrgs.br/projetorondon)

VASCONCELLOS, Elias Santiago de. Relatório de Intercâmbio Projeto Rondon - Jeunesse Canada Monde, Val d'Or - Santa Izabel do Rio Negro, Ulbra, 2001.

